

# YANOMAMI SOB ATAQUE

GARIMPO ILEGAL  
NA TERRA INDÍGENA  
YANOMAMI  
E PROPOSTAS PARA  
COMBATÊ-LO

SISTEMA DE  
MONITORAMENTO  
DO GARIMPO  
ILEGAL DA  
TI YANOMAMI  
(DADOS DE 2021)



# YANOMAMI SOB ATAQUE

GARIMPO ILEGAL  
NA TERRA INDÍGENA  
YANOMAMI  
E PROPOSTAS PARA  
COMBATÊ-LO

## REALIZAÇÃO

Hutukara Associação Yanomami  
Associação Wanasseduume Ye'kwana

## ASSESSORIA TÉCNICA

Instituto Socioambiental

## FOTOGRAFIAS

Bruno Kelly

## DESIGN GRÁFICO

Julia Valiengo

ABRIL DE 2022



Garimpo no  
rio Uraricoera, TIY,  
Janeiro de 2022.





Eu quero que todos vocês não indígenas voltem seus olhos para esta terra! E sabem o por que queremos isto? Para que todos os líderes não indígenas, venham rapidamente nos apoiar! Eu estou falando o que eu penso! Vocês não indígenas, vocês que vivem em terras distantes, não fiquem nos olhando sem interesse! Não quero que fiquem nos olhando à toa! Tenham urgência! já que vocês têm muita força, vejam que nós Yanomami estamos mesmo sofrendo! Tudo isso está muito evidente! Por isso peço urgência que façam uma barreira nesse rio [para impedir a entrada de invasores] quero que fechem rapidamente o acesso aos garimpeiros! Por que a entrada deles é permitida? eu não aceito isso!

Queremos ver logo a proibição da entrada de invasores! Queremos viver em paz! Há muito tempo estamos sofrendo com nossas águas sujas! Por que os rios estão sujos? os rios de onde bebemos água estão sujos! onde pescamos também! Sempre aparecem corpos de garimpeiros mortos flutuando no rio! Não aguento mais ver essas coisas! Quando os peixes comem as carnes dessas pessoas mortas, acabamos por comer esses peixes gordos de carne humana, e eu não aceito isso! portanto quero que vocês, lideranças não indígenas, venham todos limpar nossa terra! E por que eu quero isso? Este rio aqui, é a fonte do nosso alimento, onde pescamos. É de onde vem nossos peixes, se eu não puder pescar o que irei fazer? Porém cansamos de ver corpos putrefatos de garimpeiros, de quem são estes corpos? de quem eram os ossos destes rostos?

É isso que nós estamos dizendo. Então eu não quero isso! Queremos que os líderes do mundo todo olhem para nós! Falem entre si, discutam sobre o que vem ocorrendo conosco! Queremos também o apoio das associações Yanomami! Que todos vocês voltem seus olhos para nós! Nós estamos sofrendo junto com a floresta! Toda a floresta está sofrendo! A floresta morreu! Agora a floresta morreu. Faz tempo que eles mataram esta floresta. Acabaram com todas as árvores que comíamos os frutos! derrubaram todas as grandes árvores! E quem foi que fez isso? Foram os garimpeiros que acabaram com elas! A nossa terra está completamente morta! Então volto a pedir, a todos os líderes que venham em nosso socorro! Aqui onde moramos estamos arrasados! da mesma forma como a floresta está devastada, nós também estamos! Por que estamos estragados? Fomos arrasados pelo garimpo! Todos nós estamos passando por isto em toda a nossa terra, queremos abrir seus olhos. Eles acabaram com todos nós! Então vamos fechar o rio! Portanto, líderes do mundo, prestem muita atenção! Levantem seus olhos! Eu não quero mais ficar sofrendo sem razão! É isto que eu gostaria de dizer para vocês, grandes líderes!

Depoimento de liderança Yanomami gravado por Richard Mosse na região Palimiu em Junho de 2021.



Kraiwa wamaki komirini, hei wama  
thē urihi komiri wamaki mamoni  
xatipuwi pei ya thē peximai! Witi pii  
tēha wamaki pēximai? Kraiwa pata  
kaho wamaki komirini, kami wamare  
pairia rērēprapē! Ya pihī kuu yaro,  
pei yā. Ipa kraiwa wamaki kakii,  
praha thēri wamakini, komi mamō  
xatipu puonomai! Kami wamaki  
wamarē mamō xatipu ya peximaimi!  
Ropē!! Wamaki a kohipē hwētiprarini  
“aweī! Yanomami wamaki nē ohotai  
mahi ono!” Hei pēka kakii, thē yai  
pē karo mahi o no! Wamaki pihī a  
kutarini, pata wamakini ropē hei u  
wama hehuprari ya thē peximai!  
Hehu a rērēki ya thē peximai! Witi  
thē karo xiwāripropē? Thē karo  
xiwāripro ya peximaimi!

Ya hahu tha rērēo pihio. Yamaki pihī  
yanikipru pihio! Yutuha, kami yakami  
hei ipa mau u ka kurenē, u xami!  
Witi pii tēha u xami? U xami yamaki  
koa pē hamī, kami yamaki pescamu  
pēhamī, garimpeiro pē kakii, pē  
waximi karorai xiwāripronī, yākimi  
ya thāi pihio maprarioma! Ipa yaraka  
pēni, pē waximi wahrenī! Yamapē  
wite wai hikia yaro, ya yai peximaimi!  
Inaha yaro, kraiwa pata wamaki  
urihi wama thē komi auprari ya thē  
peximai! Witi pii tēha ya thē peximai?  
Hei u kakii, ya u yarakapē yaiwi, ya  
pescamuwi. Ya yarakapē yaiwi tēhē  
witi naha ya thāi? Garimpeiro ya upē  
maro thapraī xiwāripru yaro, witi pii  
maro? Garimpeiro maro, pei kahiki  
maro kuoma?

Inaha yamaki kuu. Hei ya thē  
peximaimi! Ipa pata wamaki, komi  
urihi kutarenaha wamaki mamō ka  
xatire, wamaki komiri wa hwamayu,  
kohiprario! Associação yanomami pē  
ka hwētikiaki, pē komiri kohipēpru ya  
thē peximai! Komiri, mamō xatiowi ya  
thē pēximai! Kami yamaki urihi pēni  
ohotawi thē kua! Komi yamaki urhipē  
ni ōhotai! Urihi a nomarayoma!  
Hei tēhē urihi a nomarayoma!  
Yutuha urihi nomamaremahe. Kami  
yamakini huu yama tihī moko waiwi,  
tihī komiri wāriaremahe! Huu tihiki,  
pata tihiki komi mapraremahe! Witi  
pēni tha? Garimpeiro pēni tihiki  
mapraremahe! Kami yamaki urhipē  
komi nomarayoma! Inaha yaro, ipa  
para wamaki komiri kohipēprario! Pei  
ya kuu kaho wamakīha. Kami yakami  
hamī yamaki maprarioma. Urihi  
ha a ka praa kutarenaha, yamaki  
wāria kutarenaha! Witi tēha wakami  
wāriaremahe? thī garimpo ani yamaki  
wāriaremahe! Kutarenaha yamaki  
wariaremahe! Kua yaro, hei u kakii  
yama u yai akikipramai kua. Inaha  
yaro, ipa pata wamaki mamō xatio  
kohipēprario! Yai tirērayu! Kami ya  
nē ohotai puo nomai! Ipa pata wa,  
ipa waha kakii, wamaki hai kupē!

Palimiu wāro  
pata a, 2021.



Garimpo no rio  
Novo, Apiaú, TIY,  
Janeiro de 2022.





# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>NÚMEROS GERAIS DO GARIMPO NA TIY</b> .....	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>ANÁLISES POR MACRO-REGIÕES</b>	
	URARICOERA (URARICOERA, PALIMIU E WAIKÁS) .....	<b>21</b>
	AUARIS .....	<b>47</b>
	PARIMA (ARATHAU, PARAFURI, WAPUTHA E SURUCUCUS) .....	<b>52</b>
	XITEI .....	<b>65</b>
	HOMOXI .....	<b>73</b>
	RIO MUCAJAÍ E COUTO MAGALHÃES (KAYANAU, PAPIU, ALTO MUCAJAÍ, HAKOMA) .....	<b>82</b>
	RIO APIAÚ .....	<b>96</b>
	RIO CATRIMANI (ALTO CATRIMANI E MISSÃO CATRIMANI) .....	<b>102</b>
	ERICÓ .....	<b>109</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
	VIOLAÇÕES AOS DIREITOS DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS NA TIY .....	<b>111</b>
	AS RESPOSTAS (INSUFICIENTES) DO ESTADO .....	<b>113</b>
	RECOMENDAÇÕES .....	<b>114</b>
<b>5</b>	<b>ANEXOS</b> .....	<b>117</b>

# 1 INTRODUÇÃO

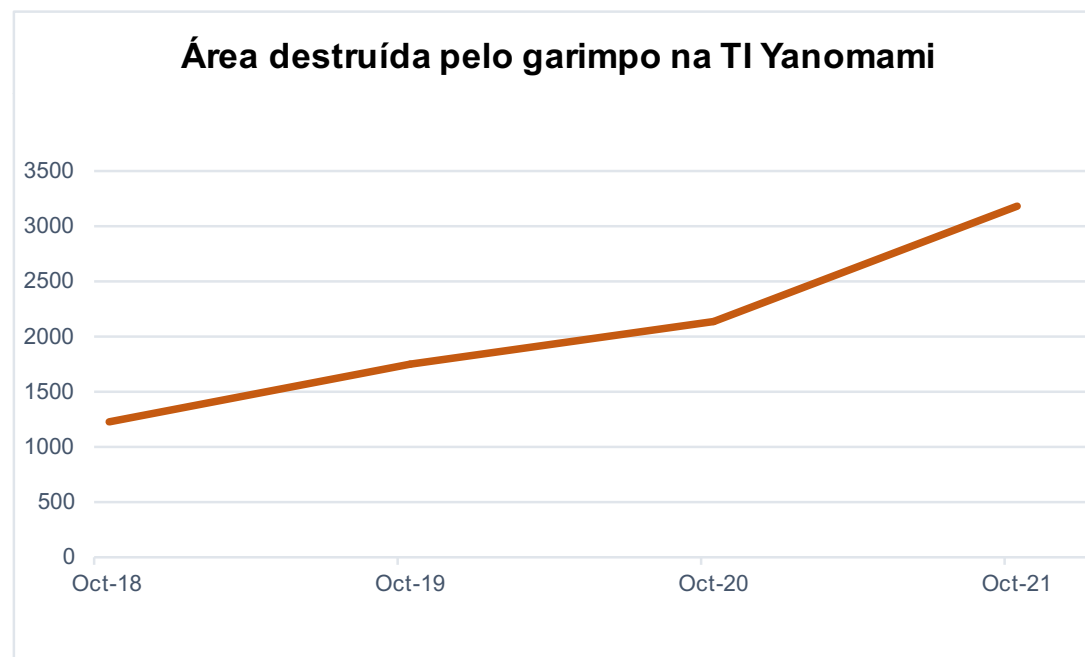


## INTRODUÇÃO

Este relatório tem por objetivo descrever a evolução do garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami (TIY) em 2021. Trata-se do pior momento de invasão desde que a TI foi demarcada e homologada, há trinta anos. Será apresentado como a presença do garimpo na TIY é causa de violações sistemáticas de direitos humanos das comunidades que ali vivem. Além do desmatamento e da destruição dos corpos hídricos, a extração ilegal de ouro (e cassiterita) no território yanomami trouxe uma explosão nos casos de malária e outras doenças infectocontagiosas, com sérias consequências para a saúde e para a economia das famílias, e um recrudescimento assustador da violência contra os indígenas.

Sabe-se que o problema do garimpo ilegal não é uma novidade na TIY<sup>1</sup>. Entretanto, sua escala e intensidade cresceram de maneira impressionante nos últimos cinco anos. Dados do Mapbiomas indicam que a partir de 2016 a curva de destruição do garimpo assumiu uma trajetória ascendente e, desde então, tem acumulado taxas cada vez maiores<sup>2</sup>. Nos cálculos da plataforma, de 2016 a 2020 o garimpo na TIY cresceu nada menos que 3350%<sup>3</sup>.

Quando nosso monitoramento foi iniciado, em outubro de 2018, a área total destruída pelo garimpo na TIY somava pouco mais de 1.200 hectares, estando a maior parte dela concentrada nas calhas dos rios Uraricoera e rio Mucajaí.



Desde então, a área impactada mais do que dobrou, atingindo em dezembro de 2021 o total de 3.272 hectares. Como pode ser observado no gráfico 1, o crescimento se acentuou principalmente a partir do segundo semestre de 2020, sendo que, somente no ano de 2021, houve um incremento de mais de mil hectares de área destruída.

**Gráfico 1:**  
Área destruída pelo garimpo na TIY de outubro de 2018 a outubro de 2021, SMGI.

<sup>1</sup> [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami#A\\_corrida\\_do\\_ouro](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami#A_corrida_do_ouro)

<sup>2</sup> Projeto MapBiomas – Coleção 6 da Série Anual de Mapas de Cobertura e Uso de Solo do Brasil, acessado em 10/01/2021 através do link: <https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/>

<sup>3</sup> Os dados do Mapbiomas são interessantes para observar o comportamento do garimpo ao longo do tempo, mas infelizmente a versão atual da plataforma subestima muito o fenômeno. Isso se dá porque o seu mapeamento é realizado a partir de imagens Landsat que possuem uma resolução espacial de 30 metros e na TIY o garimpo ocorre de forma fragmentada em zonas com relevo bastante movimentado, dificultando a classificação automática.



Essa expansão se deu por uma série de razões combinadas, entre as quais podemos citar: 1) O aumento do preço do ouro no mercado internacional; 2) Falta de transparência na cadeia produtiva do ouro e falhas regulatórias que permitem fraudes na declaração de origem do metal extraído ilegalmente; 3) Fragilização das políticas ambientais e de proteção a direitos dos povos indígenas e, conseqüentemente, da fiscalização regular e coordenada da atividade ilícita em Terras Indígenas; 4) Agravamento da crise econômica e do desemprego no país, produzindo uma massa de mão de obra barata à ser explorada em condições de alta precariedade e periculosidade; 5) Inovações técnicas e organizacionais que permitem as estruturas do garimpo ilegal se comunicar e se locomoverem com muito mais agilidade; e 6) A política do atual governo de incentivo e apoio à atividade apesar do seu caráter ilegal, produzindo assim a expectativa de regularização da prática<sup>4</sup>.

Note-se que, com exceção do aumento do preço do ouro, os fatores que têm alavancado o garimpo na TIY (e na Amazônia de modo geral) estão relacionados a escolhas políticas. Isto é, poderiam ter sido evitados por meio de políticas públicas que respeitassem plenamente princípios constitucionais de garantia e proteção de direitos fundamentais. Por esta razão, entende-se que o garimpo ilegal não é um problema sem solução, mas o resultado lógico de decisões que favorecem a expropriação de recursos naturais, sempre em prejuízo dos direitos dos povos indígenas do país. Assim, ao final deste documento, pretendemos pontuar algumas das medidas que poderiam ser tomadas para controlar o problema.

O garimpo dos dias atuais é uma atividade financiada por empresários com alta capacidade de investimento e que concentram a maior parte da riqueza extraída ilegalmente da floresta yanomami. Investigações da Polícia Federal<sup>5</sup> revelaram que estes empresários são membros da elite econômica local ou figuras de outros estados com operações em Roraima<sup>6</sup>. O dinheiro ilícito obtido com a prática é frequentemente lavado em negócios legais na cidade de Boa Vista ou alhures, como supermercados, postos de gasolina, restaurantes, entre outros.

Em 2021, o Ministério Público Federal processou um empresário de Boa Vista por envolvimento no garimpo ilegal na TIY. As investigações indicaram que o acusado movimentou mais de R\$ 425 milhões em dois anos, recurso incompatível com sua capacidade financeira declarada, segundo o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF). Segundo as investigações, o grupo liderado pelo empresário utilizava uma empresa de táxi aéreo e outra de poços artesianos para o transporte de insumos e mão de obra para as áreas de garimpo, serviço que era pago em ouro<sup>7</sup>.

Em teoria, o ouro extraído nos garimpos deveria ser vendido apenas às compradoras autorizadas pelo Banco Central, as Distribuidoras de Títulos e Valores Mobiliários (DTVMS), por meio de suas subsidiárias localizadas junto aos garimpos permitidos. Nesses pontos de compra (PCOs), o ouro chega em estado bruto e posteriormente é encaminhado a uma fundidora que padroniza o metal para enfim ser comercializado como ativo financeiro. Entretanto, a legislação atual estabeleceu que, no momento de venda do material bruto nas PCOs, será con-

<sup>4</sup> <https://www.cartacapital.com.br/politica/garimpeiros-ilegais-circulam-livremente-pelos-gabinetes-de-brasilia/>

<sup>5</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59855502>

<sup>6</sup> <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/sustentabilidade/pf-prende-empresario-milionario-ligado-a-garimpo-ilegal-por-ordenar-queima-de-helicopteros-do-ibama,465816d49093fbde2a5ee214c8e56490kh-6vrl9w.html>

<sup>7</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/10/07/pf-faz-operacao-contr-grupo-de-apoio-logistico-aereo-ao-garimpo-na-terra-yanomami-e-justica-bloqueia-r-95-milhoes.ghtml>



siderada tão somente a autodeclaração do portador ou transportador sobre a origem do ouro como garantia de que este foi extraído de uma lavra garimpeira autorizada. Ou seja, a garantia de que o ouro vendido em uma PCO foi ou não extraído de lavras legalizadas depende unicamente da idoneidade e boa-fé do comprador<sup>8</sup>. De tal modo, o ouro produzido no garimpo ilegal pode ser facilmente “esquentado”, isto é, ter sua legalidade forjada, tomando emprestado autorizações de lavra emitidas para outras áreas que detêm a Permissão de Lavra Garimpeira - PLG<sup>9</sup>.

Alternativamente, o metal extraído ilegalmente pode ser diretamente comercializado como ouro mercadoria em joalherias locais<sup>10</sup>, uma vez que o grau de fiscalização nesses estabelecimentos também é baixo. Desse modo, o ouro proveniente de lavras ilegais é facilmente comercializado no país e no exterior. A título de ilustração, no primeiro semestre de 2019, o estado de Roraima, mesmo sem possuir nenhuma lavra autorizada, exportou para a Índia R\$ 48,7 milhões em ouro<sup>11</sup>.

Outro ponto que merece destaque são os indícios de aproximação do crime organizado de áreas afetadas pelo garimpo ilegal. Em um dos incidentes mais aterrorizantes de 2021, a série de ataques às comunidades do Palimiu, o envolvimento de agentes do Primeiro Comando da Capital (PCC) na exploração ilegal de ouro ficou explicitado pela primeira vez no contexto Yanomam<sup>12</sup>. A aproximação entre o tráfico de drogas e o garimpo na Amazônia, contudo, não se restringe a Rorai-

ma. Em diversas outras regiões, como o Pará e o Mato Grosso, aquilo que alguns têm chamado de narcogarimpo<sup>13</sup> tem sido o comportamento padrão.

Assim, no garimpo contemporâneo observa-se uma distribuição cada vez mais desigual de prejuízos e benefícios relacionados à atividade. Sabe-se que as pessoas que atuam diretamente nas áreas de exploração não são as mesmas que usufruem da maior parte da riqueza explorada ilegalmente. Pelo contrário, essas pessoas são submetidas a altos riscos e, em alguns casos, a situações de flagrante exploração do trabalho, permanecendo presas em uma espécie de “armadilha da pobreza”. Do mesmo modo, as populações dos municípios onde a prática ocorre sofrem, ainda que não se deem conta, de vários dos seus graves impactos.

Desde que o garimpo começou a avançar sobre as Terras Indígenas de Roraima, a qualidade de vida no estado teve perdas consideráveis, o que se reflete no seu Índice de Progresso Social<sup>14</sup> e nos indicadores de criminalidade<sup>15</sup> regional. No quesito saúde pública, os prejuízos precisam ser melhor dimensionados. Já é percebido, por exemplo, o aumento da malária nas zonas urbanas, importada das áreas de garimpo, e dos impactos na saúde humana devido à contaminação por mercúrio (má formação congênita, neoplasias, doenças no sistema nervoso etc.), mas ainda não há estudos que explorem com detalhes o perfil epidemiológico dos municípios que sofrem com esse mal.

<sup>8</sup> Lei 12.844/2013.

<sup>9</sup> Manzolli et al. Legalidade da produção de ouro no Brasil. Belo Horizonte: Editora IGC/UFMG, 2021.

<sup>10</sup> <https://amazoniareal.com.br/dtvms>

<sup>11</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48534473>

<sup>12</sup> <https://oglobo.globo.com/brasil/seguranca-publica/nos-a-guerra-crime-organizado-avanca-sobre-os-garimpos-ilegais-da-amazonia-25260890>

<sup>13</sup> <https://www.metropoles.com/distrito-federal/na-mira/narcos-gold-pf-prende-trafficantes-que-movimentaram-r-1-bilhao?amp>

<https://oglobo.globo.com/brasil/seguranca-publica/narcogarimpo-movimenta-dinheiro-na-amazonia-com-avioes-joias-cavalgadas-shows-de-famosos-25272438>

<https://agenciasportlight.com.br/index.php/2021/11/16/de-bracos-abertos-para-o-crime-narcotraficante-com-conexoes-no-pcc-ganhou-18-autorizacoes-para-garimpar-no-governo-bolsonaro/>

<https://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,mourao-diz-que-acao-de-garimpeiros-no-rio-madeira-pode-incluir-apoio-do-narcotrafico,70003908390>

<sup>14</sup> Santos, D. et. al. Índice de Progresso Social na Amazônia Brasileira: IPS Amazônia 2021. Belém: Imazon, 2021.

<sup>15</sup> Cerqueira, D. et al., Atlas da Violência 2021. São Paulo: FBSF, 2021.



De todos os atores, porém, sem dúvida, são os povos indígenas aqueles que ficam com a maior parte dos danos e prejuízos gerados pelo garimpo, em uma flagrante situação de racismo ambiental. Este documento pretende, portanto, ser uma denúncia contra tal processo, na esperança de que, mais uma vez, os Yanomami possam fazer valer os seus direitos territoriais através de sua incansável luta para viver em paz. No final da década de 1980, no auge da primeira corrida do ouro, com a força das suas lideranças e dos seus xamãs, esse povo conseguiu sobreviver ao projeto genocida que lhe foi imposto. Estamos confiantes de que agora não será diferente.

## ORGANIZAÇÃO DO RELATÓRIO

Este documento está dividido em três partes:

- i) Apresentação de dados gerais sobre o garimpo na TIY, com um mapa das áreas impactadas, informações sobre a área destruída em cada região, e o número de comunidades e cursos d'água diretamente afetados;
- ii) Análises por macro-regiões, onde realizamos um compêndio das principais informações sobre os impactos do garimpo na vida das famílias e das comunidades que ele afeta – os dados desta seção baseiam-se em denúncias recebidas e organizadas pela Hutukara, matérias de jornal, dados epidemiológicos e depoimentos registrados por pesquisadores indígenas que desenvolvem um trabalho de autoetnografia dos impactos dos garimpos;
- iii) Conclusões e recomendações, na qual apresentamos uma síntese do nosso argumento e oferecemos uma lista de ações que podem contribuir para a resolução do problema.

## NOTAS SOBRE A METODOLOGIA DE MAPEAMENTO

Nosso monitoramento é realizado mensalmente a partir da interpretação visual de imagens de satélites por especialistas em geoprocessamento. Até outubro de 2021, utilizamos principalmente as imagens da constelação Planet e dos satélites Sentinel 1 e 2. A partir delas são desenhados em ambiente GIS os polígonos de degradação que incluem: 1) desmatamentos recentes associados ao garimpo; 2) garimpos ativos no qual o solo aparece nu; 3) áreas recém abandonadas, que mostram um incipiente avanço da vegetação, essencialmente composta de gramíneas cobrindo cascalheiras; e 4) lagoas de rejeito. Todos os meses, as regiões impactadas são revisitadas com o objetivo de refinar o mapeamento e checar possíveis equívocos de interpretação. É importante dizer que a interpretação leva em consideração não apenas a geometria e a resposta espectral (no caso das imagens ópticas) mas também o contexto. Por isso, todo o mapeamento é realizado considerando a localização das comunidades e de suas áreas de roçado, entre outras informações do território Yanomami como pistas de pouso e postos de saúde, o que garante a diferenciação entre a remoção da cobertura florestal para manejo agrícola tradicional e o desmatamento associado à exploração mineral. Em novembro e dezembro, devido a restrições de acesso ao mosaico Planet, o mapeamento foi feito exclusivamente utilizando as imagens Sentinel, tanto radar quanto ópticas. No caso do processamento das imagens radar, utilizamos a metodologia do Sistema de Indicação por Radar de Desmatamento (SIRAD), que consiste em uma série de algoritmos que processam as informações do Satélite Sentinel-1 utilizando a plataforma do Google Earth Engine. Neste ambiente é produzido um mosaico temporal que permite observar mudanças no comportamento da vegetação em três marcadores de tempo ajustados para a análise. Semestralmente as cicatrizes mapeadas são validadas com sobrevoos. Todas as imagens que ilustram este documento foram produzidas entre os dias 26, 27 e 28 de Janeiro de 2022.



Garimpo no  
rio Uraricoera,  
TIY, Janeiro  
de 2022.





# **2 NÚMEROS GERAIS DO GARIMPO NA TIY**

## NÚMEROS GERAIS DO GARIMPO NA TIY

Em 2021 a destruição provocada pelo garimpo na TIY cresceu 46% em relação a 2020. Houve um incremento anual de 1.038 hectares, atingindo um total acumulado de 3.272 hectares. Esse é o maior crescimento observado desde que iniciamos o nosso monitoramento em 2018, e, possivelmente, a maior taxa anual desde a demarcação da TIY em 1992.

Como pode ser observado no quadro 1 e no mapa 1, o garimpo não apenas tem crescido em área, mas também tem se espalhado para novas regiões do território yanomami. Neste documento utilizamos como recorte regional os limites dos polos-base do Distrito Sanitário, pois isso permite correlacionar os dados de área impactada com o perfil epidemiológico de cada região. Dos 37 polos existentes, 18 possuem registro de algum desmatamento relacionado ao garimpo. Caso incluíssemos nessa lista os polos-base que não têm registro de desmatamento observável no satélite, mas possuem informações sobre a atuação de balsas ou de pequenos grupos de garimpeiros, esse conjunto se ampliaria para 24 polos-base (incluindo Maturacá, Baixo Catrimani, Inambú e Ajarani).

Note-se que o garimpo identificável por sensoriamento remoto localiza-se basicamente na porção roraimense da TIY. Quase a metade da área degradada está concentrada em Waikás, região localizada no rio Uraricoera. Kayanau, que está na confluência dos rios Couto Magalhães e Mucajaí, é a segunda zona com a maior concentração de cicatrizes, com pouco mais de 20% do total da área degradada, seguida por Homoxi, na fronteira com a Venezuela, com 12%.

Com exceção das regiões Surucucus, Missão Catrimani e Uraricoera, todas as demais apresentaram um crescimento importante de um ano para o outro. E, mesmo as regiões que acusaram uma variação negativa, a redução esteve mais associada ao refinamento do mapeamento (quando o sobrevoo e melhores imagens disponíveis corrigem erros de interpretação) do que a uma real recuperação da paisagem.

Entre as regiões que apresentaram o maior incremento estão, respectivamente: Waikás, Homoxi, Kayanau e Xitei. Sendo que esta última apresentou um crescimento relativo de mais de 1000%.

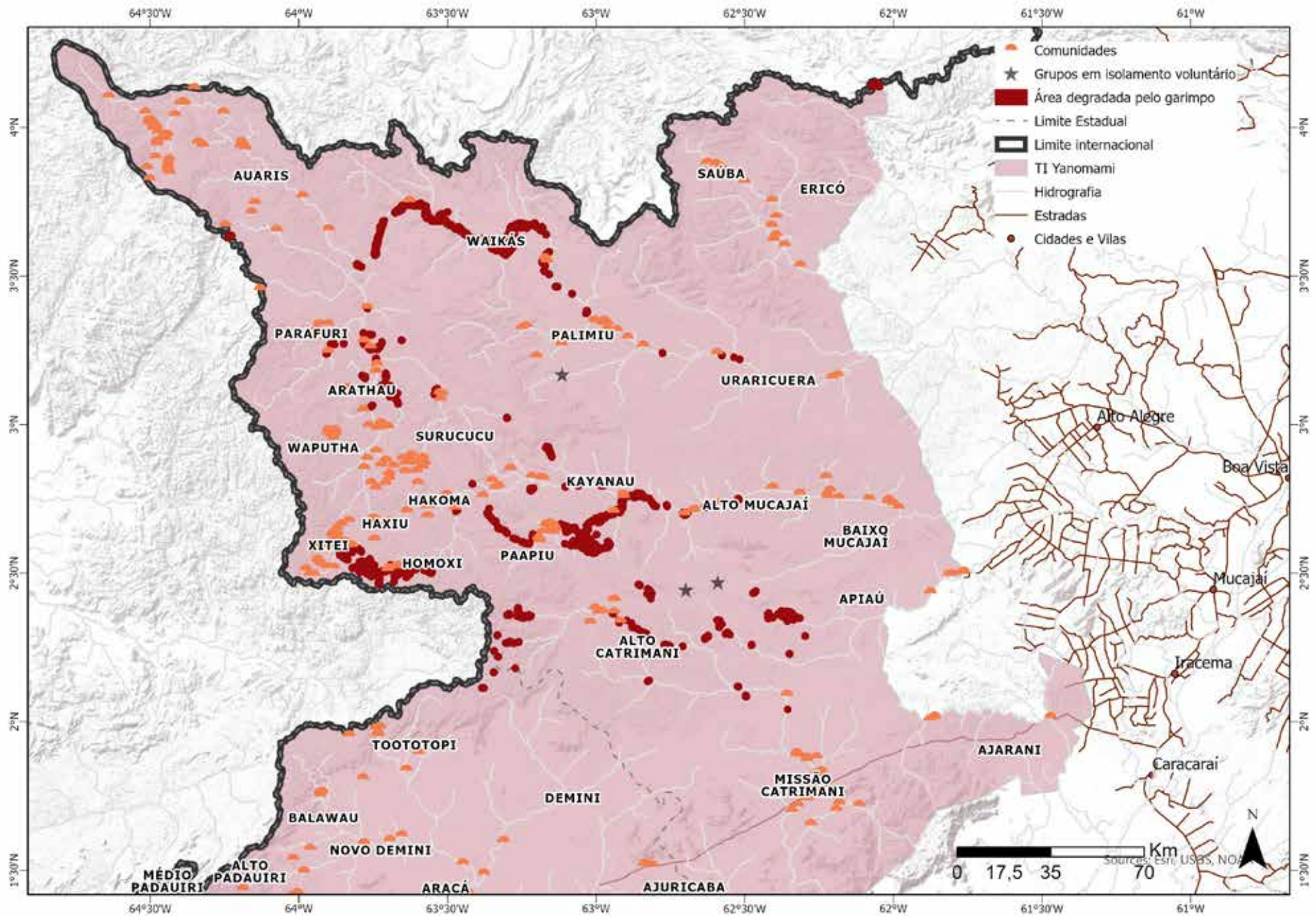
Em relação ao impacto direto do garimpo sobre os recursos hídricos, os principais rios e Igarapés afetados atualmente são: rio Uraricoera, rio Parima, Igarapé Inajá, Igarapé Surucucus, rio Mucajaí, rio Couto Magalhães, rio Apiaú, rio Novo, rio Catrimani e rio Lobo d'Almada. Como pode ser visto no quadro 2, somando os diferentes trechos e considerando a relação do rio com os seus afluentes, verificamos que a bacia do rio Mucajaí é a bacia hidrográfica atualmente mais afetada, concentrando no seu leito 180 km de destruição (em dois trechos), mais 50 km do rio Couto Magalhães, e, por que não, 30 km da cabeceira do rio Apiaú (que deságua no Mucajaí fora da TIY) e 10 km do rio Novo, que é um afluente do Apiaú.

A bacia hidrográfica do Uraricoera, por sua vez, não fica muito atrás do Mucajaí no quesito destruição, além dos 150 km no leito do seu médio curso, somam-se os trechos impactos no Parima (35 Km), Igarapé Inajá (10 km) e Igarapé Surucucus (4 km).



<b>REGIÃO</b>	<b>DEZ / 2020</b>	<b>DEZ / 2021</b>	<b>INCREMENTO ANUAL</b>	<b>VARIAÇÃO ANUAL</b>
Alto Catrimani	104.36	175.43	71.069	68%
Alto Mucajaí	15.75	17.11	1.36	9%
Apiaú	76.79	106.65	29.859	39%
Auaris	0	4.05	4.05	
Demini	2.32	1.86	-0.46	-20%
Ericó	19.04	23.36	4.324	23%
Hakoma	24.98	42.21	17.23	69%
Homoxi	145.98	399.29	253.31	174%
Kayanau	510.17	688.81	178.64	35%
Médio Catrimani	12.8	4.36	-8.44	-66%
Palimiu	4.76	15.59	10.83	228%
Papiu	17.44	38.77	21.33	122%
Parafuri	0	5.51	5.51	
Parima (Arathau)	77.76	112.32	34.56	44%
Surucucus	35.18	27.49	-7.69	-22%
Uraricoera	5.4	2.98	-2.42	-45%
Waputha	0	4.01	4.01	
Waikás	1169.93	1466.11	296.18	25%
Xitei	11.34	136.18	124.84	1101%
<b>TOTAL</b>	<b>2234</b>	<b>3272.09</b>	<b>1038.092</b>	<b>46%</b>

Quadro 1:  
Área degradada  
pelo garimpo  
em 2021  
por região.



Mapa 1: Área degradada pelo garimpo na TIY.



Finalmente, com o objetivo de verificar a quantidade de comunidades diretamente impactadas pela atividade, destacamos o número de comunidades que estão situadas até 10 km de distância das cicatrizes mapeadas. Optou-se pelo valor de 10 km, em conformidade com a literatura científica que costuma identificar como área de uso frequente um buffer de 5 km a partir de cada aldeia, além de uma área mínima de refúgio para as populações de caça que deve ter pelo menos 0.93 vezes o tamanho da zona de uso frequente para garantir a reprodução de espécies sensíveis<sup>16</sup>.

Seguindo essa metodologia, identificamos que pelo menos 110 comunidades da TIY estão diretamente afetadas pelos impactos do garimpo no meio biofísico (desmatamento, destruição de habitat, contaminação da água e dos solos, destruição do curso natural dos rios e asso-

reamento etc.). Estes impactos, por sua vez, têm importantes repercussões para a saúde e a economia dessas famílias<sup>17</sup>. Assunto que abordaremos com mais detalhe na seção seguinte.

Todavia, é preciso ressaltar que alguns dos impactos do garimpo possuem um alcance muito maior do que aqueles observados na floresta<sup>W</sup> e nos rios. Dentre esses, a disseminação de doenças infectocontagiosas (em especial a malária), a contaminação pelo metilmercúrio, subproduto do garimpo, e a sobrecarga no sistema de saúde local. Sob essa perspectiva, pode-se adotar como critério espacial para a definição da zona impactada, em vez da distância das cicatrizes, o próprio recorte de polo-base. Assim, o número de comunidades afetadas diretamente seria 273, abrangendo mais de 16.000 pessoas, ou 56% da população da TIY.

CURSO D'ÁGUA	TRECHO IMPACTADO PELO GARIMPO
Rio Uraricoera	~150 km
Ig. Inajá	~10 Km
Rio Parima	~35 km
Ig. Surucucu	~4 Km
Rio Mucajaí (cabeceira)	~30 Km
Rio Mucajaí (Médio curso)	~150 Km
Rio Couto Magalhães	~50 Km
Rio Apiaú (Cabeceira)	~30 km
Rio Novo	~10 Km
Rio Catrimani	~65 km
Rio Lobo d'Almada	~5km

Quadro 2: Cursos d'água impactados pelo garimpo.

<sup>16</sup> CONSTANTINO, P. de A. L., BENCHIMOL, M., ANTUNES, A. P. "Designing Indigenous Lands in Amazonia: Securing indigenous rights and wildlife conservation through hunting management", Land Use Policy, v. 77, n. June, p. 652-660, 2018.

<sup>17</sup> [https://apublica.org/2021/09/sob-bolsonaro-yanomami-tem-o-maior-indice-de-mortes-por-desnutricao-infantil-do-pais/?utm\\_source=telegram&utm\\_medium=transmissao&utm\\_campaign=desnutricao-yanomami](https://apublica.org/2021/09/sob-bolsonaro-yanomami-tem-o-maior-indice-de-mortes-por-desnutricao-infantil-do-pais/?utm_source=telegram&utm_medium=transmissao&utm_campaign=desnutricao-yanomami)

Garimpo no  
rio Uraricoera, TIY,  
Janeiro de 2022.





# 3 ANÁLISES POR MACRO-REGIÕES

## ANÁLISES POR MACRO-REGIÕES

URARICOERA (URARICOERA,  
PALIMIU E WAIKÁS)



A calha do rio Uraricoera segue sendo a macro-região mais impactada pelo garimpo na TIY. Ela concentra mais de 45% do total de cicatrizes mapeadas, e também apresenta os maiores acampamentos e as mais complexas estruturas de apoio ao garimpo, com diversos canteiros, acampamentos e corrutelas.

Parte dessa vulnerabilidade é explicada pelo fato de que este rio, diferentemente dos demais, pode ser acessado por via fluvial sem quaisquer constrangimentos por parte dos órgãos de proteção, uma vez que a Base de Proteção Etnoambiental (BAPE) local encontra-se desativada. Em 2017, o Ministério Público ajuizou uma ação que pede a reativação de todas as Bases de Proteção Etnoambientais (BAPEs) da TIY, dentre elas a BAPE Korekorema, que tem a função de controlar o acesso a este rio. A decisão do juiz foi favorável à reabertura, mas até o momento a União não cumpriu plenamente a sentença. A demora no seu cumprimento é um fator de grande fragilização da proteção territorial da TIY, como veremos a seguir.

Para transportar insumos e mão de obra no Uraricoera a logística do garimpo utiliza portos localizados fora da Terra Indígena, na vizinhança da Estação Ecológica de Maracá. Entre os portos mais conhecidos estão: o Porto do Arame (61,7824862°W 3,2647488°N), o Porto Pacú (61,6491667°W 3,3325000°N) e Fazenda Canadá. O frete de carga para estes locais custa entre R\$ 1.500,00 a R\$ 2.500,00, e o transporte de passageiros entre R\$ 300,00 e R\$ 350,00 por pessoa. O acesso aos portos passa pela rodovia municipal de Alto Alegre 332, que está conectada à rodovia estadual RR-343 e à BR-174, respectivamente.





Foto 1:  
Trecho da Vicinal  
que dá acesso  
aos portos de  
garimpo no rio  
Uraricoera.





Foto 2:  
Registro do Porto  
do Arame em  
26 de janeiro  
de 2021. Note  
a quantidade de  
combustível sep-  
arada para em-  
barque, indican-  
do a intensidade  
da atividade na  
região.



Uma vez embarcados, os garimpeiros precisam percorrer um longo trecho fluvial até atingir os canteiros de exploração. Por isso, contam com uma rede de acampamentos dispostos ao longo do rio, onde encontram também comércio, pequenos serviços e casas de prostituição. O pagamento aos barqueiros é significativamente superior ao frete terrestre, cerca de 10 gramas de ouro por pessoa, devido ao consumo de combustível e à dificuldade de navegação. Como o Uraricoera possui trechos bastante encachoeirados, os barqueiros devem conhecer profundamente o leito do rio e ainda assim construir trilhas no meio da floresta que utilizam quadriciclos para contornar os obstáculos naturais (corredeiras) mais complicados<sup>18</sup>.

No período de chuvas, quando o rio está cheio, os indígenas estimam um tráfego diário de dezenas de botes de alumínio, com capacidade de transporte de até seis toneladas por barco. No período seco, cada barqueiro consegue fazer em média duas viagens por mês.

O frete aéreo é, sem dúvida, o modal mais caro para se acessar o garimpo. Informações de área indicam que o valor de uma “perna” para as principais pistas clandestinas da TIY (Rangel, Cascalho, Jeremias, Espadim, Malária, Pau grosso etc.) custa algo em torno de R\$ 11.000,00, com direito a 500kg de carga e transporte terrestre até o aeródromo da decolagem.

Em janeiro de 2022, apesar de ser tipicamente um mês de poucas chuvas em Roraima, o Uraricoera ainda estava cheio, e o tráfego de embarcações era intenso. Durante o sobrevoo do SMGI foi possível registrar diversos botes repletos de recipientes de combustível, gás de cozinha, alimentação e equipamentos, percorrendo o rio em ambas direções.

O custo da viagem para aqueles que pretendem trabalhar no garimpo, na maioria dos casos, é pago pelo próprio interessado. Tal situação frequentemente conduz a uma situação de escravidão por dívida<sup>19</sup>, sobretudo, no contexto do trabalho sexual. Nas redes sociais operam diversos grupos que tem por objetivo divulgar a cultura garimpeira e

recrutar pessoas para os grotões. Esses grupos possuem anúncios de “vagas de trabalho”, seja de operador de máquina, mergulhador, maraqueiro, cozinheira ou prostituta<sup>20</sup>. A expectativa de ganhar cerca de 3g de ouro por programa (o que equivale a mais de R\$ 900,00<sup>21</sup>) ou mesmo um salário de R\$ 5.000,00 por mês como cozinheira atrai muitas mulheres que não sabem exatamente o que irão encontrar na floresta. Há relatos de cozinheiras que são obrigadas a se prostituir e garotas de programa que não conseguem sequer bancar a viagem de volta, devido aos gastos nas estruturas das corrutelas, como medicamentos para infecções, “aluguel” do quarto, alimentação e produtos de higiene. Com a crise migratória no país vizinho, uma quantidade expressiva de mulheres venezuelanas são aliciadas neste esquema, com relatos tocantes<sup>22</sup>.

<sup>18</sup> O barqueiro recebe em média 30 ou 40g de ouro por viagem, ele costuma ser um prestador de serviço ao dono da embarcação.

<sup>19</sup> <https://brasil.mongabay.com/2021/02/trabalho-escravo-em-garimpos-expoe-redes-criminosas-na-amazonia/>

<sup>20</sup> Nesses grupos também circulam informações sobre venda de equipamento de internet; anúncio de reconhecimento topográfico para identificação de metal; transporte de canoa; transporte de Uber para pontos de apoio e fretes de avião.

<sup>21</sup> Considerando a cotação do ouro (R\$ 307,84 por 1 grama) em 24 de fevereiro de 2022.

<sup>22</sup> [https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/10/traficantes-de-pessoas-mudam-tatica-e-atraem-mulheres-para-dividas-impagaveis.shtml?utm\\_source=newsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=newsfolha](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/10/traficantes-de-pessoas-mudam-tatica-e-atraem-mulheres-para-dividas-impagaveis.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newsfolha)



Foto 3:  
Voadeira  
a serviço  
do garimpo  
navegando  
em trecho de  
cachoeiras.





Foto 4:  
Quadriciclos no  
acampamento  
transportando  
combustível para  
os canteiros.



Foto 5:  
Voadeira  
transportando  
combustível para  
os garimpos no  
Uraricoera.





Foto 6:  
Estrutura que  
dá suporte  
à logística  
garimpeira no  
Uraricoera.





Foto 7:  
Corrutela nas  
margens do  
rio Uraricoera  
(Waikás).  
Nota-se que  
ela está se  
reerguendo  
rapidamente  
após as  
operações da  
Polícia Federal  
na região  
em 2021.



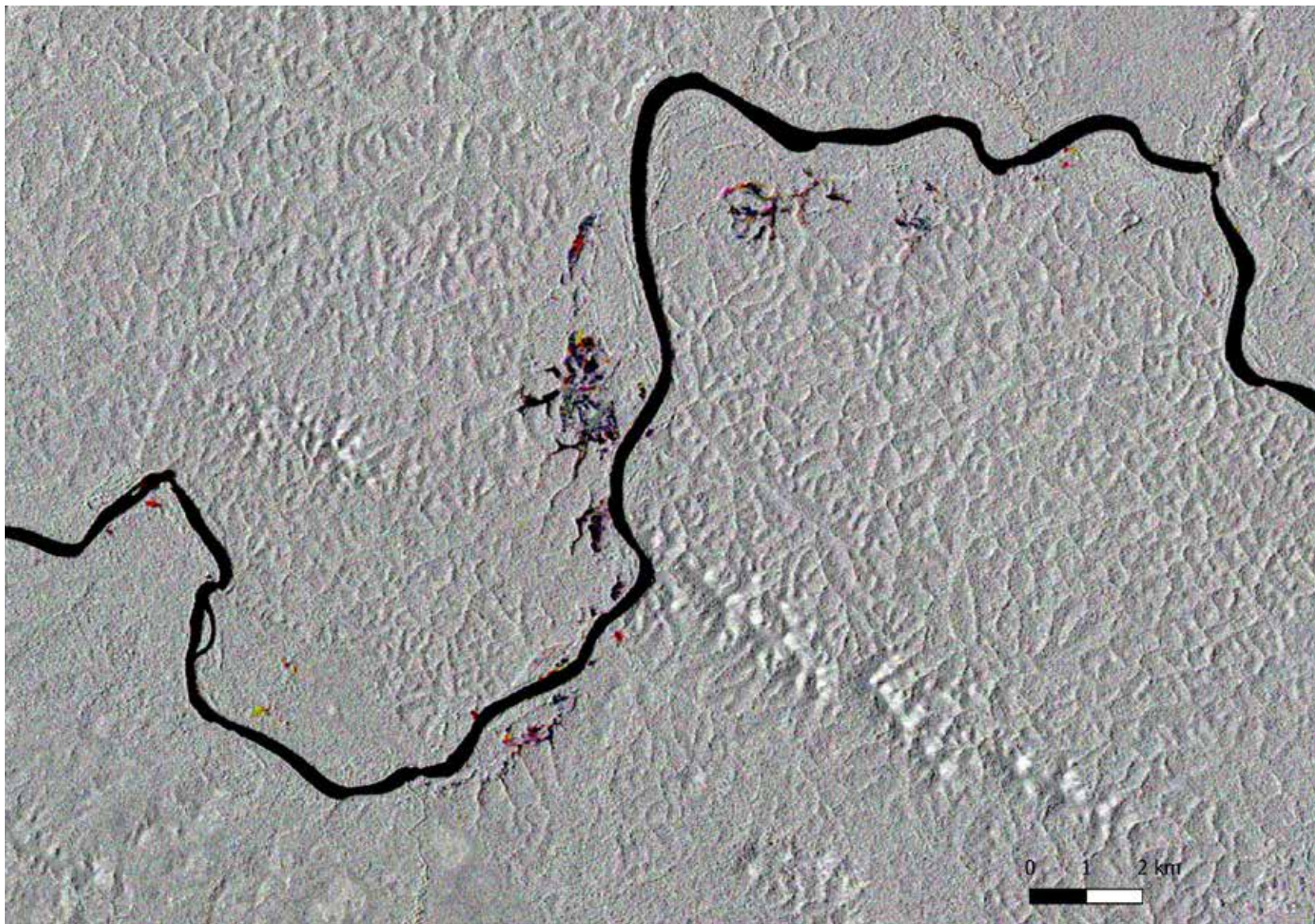


Imagem 1:  
Mosaico de  
imagens radar  
da curva do  
rio Uraricoera  
próxima à região  
de Waikás, a  
maior cicatriz é  
onde se localiza  
o garimpo  
chamado  
tatuzão do  
Mutum.

No rio Uraricoera as zonas de exploração garimpeira estão “divididas” por “donos”, conhecidos localmente por seus apelidos. Esses “donos” controlam o acesso aos canteiros, o uso das estruturas de comércio, logística e acampamento, e, para isso, alguns contam com serviços de “segurança privada”, geralmente prestado por grupos associados ao crime organizado<sup>23</sup>.

“Dona Íris” é um desses “patrões”. Em 2021, seus capangas protagonizaram alguns dos eventos mais marcantes do ano no território Yanomami, quando homens encapuzados atiraram, em diferentes oportunidades, contra os moradores das comunidades do Palimiu, em retaliação às tentativas de bloqueio da logística garimpeira por parte de jovens Yanomami<sup>24</sup>. Em um dos ataques, duas crianças indígenas morreram afogadas no rio na tentativa de escapar dos tiros.

Já no início de 2021, a Hutukara havia alertado as autoridades, através de um ofício, sobre a escalada de tensão na região. Em fevereiro de 2021, abaixo do Palimiu, na aldeia Helepe, garimpeiros armados haviam invadido a comunida-

de à procura de um morador com quem tinham desentendimentos. Durante a investida, houve uma troca de tiros que resultou na morte de um garimpeiro e em um indígena gravemente ferido<sup>25</sup>. A associação notificou o fato e solicitou intervenção de forças de segurança na região. O alerta foi ignorado, porém.

Semanas depois, no dia 27 de abril, um grupo de jovens Yanomami da região do Palimiu interceptou um bote com 900 litros de combustível que tinha como destino o “garimpo de Dona Íris”. A ação dos jovens foi uma reação à morte de uma criança<sup>26</sup> que havia se afogado depois que um barco de garimpeiros passou próximo ao porto da comunidade onde a família tomava banho. A onda gerada pela voadeira derrubou a criança, que em seguida foi levada pela correnteza. Os Yanomami tomaram o combustível e obrigaram o barqueiro a descer o rio de volta. Outros garimpeiros que passavam na direção contrária dispararam tiros e proferiram ameaças. A HAY, mais uma vez, oficiou os órgãos públicos pedindo que fossem tomadas providências para garantir a segurança da comunidade e novamente não obteve respostas.

Os Yanomami do Palimiu já haviam notado uma mudança importante no comportamento dos garimpeiros desde 2019. Se antes apenas os barqueiros transitavam encapuzados, agora outros homens também o faziam, vestidos quase sempre de roupas pretas. As armas também haviam mudado. De espingardas de caça, passaram a circular com pistolas e fuzis. E, a abordagem nas comunidades tornou-se mais agressiva e violenta. Há relatos de garimpeiros bêbados invadindo casas e assediando mulheres, e de gritos de ameaça durante encontros furtivos no rio: “Vamos acabar com os yanomami”, diziam.

Assim, no dia 10 de maio de 2021, sete embarcações<sup>27</sup> com homens armados, vestidos de coletes e balaclavas, se aproximaram da comunidade Yakepraopë e abriram fogo contra seus moradores, incluindo mulheres e crianças, por volta das 11 horas da manhã. Na fuga, duas crianças morreram<sup>28</sup>.

<sup>23</sup> Hoje sabe-se que o PCC além da “segurança privada” também atua no fornecimento e transporte de insumos para o garimpo no Uraricoera, no controle de prostíbulos e cantinas, assim como na exploração mineral em balsas de ferro: <https://tab.uol.com.br/edicao/pcc-no-garimpo/#cover>

<sup>24</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/08/10/video-mostra-garimpeiros-armados-e-prontos-para-fazer-guerra-antes-de-ataque-em-comunidade-na-terra-yanomami.ghtml>

<sup>25</sup> <https://folhadv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Garimpeiro-e-flechado-e-morre-em-conflito-com-indigenas/73562>

<sup>26</sup> Filha de Eliete.

<sup>27</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/10/conflito-armado-entre-garimpeiros-e-indigenas-deixa-feridos-na-terra-yanomami.ghtml>

<sup>28</sup> <https://amazoniareal.com.br/duas-criancas-yanomami-aparecem-mortas/>



Áudios de WhatsApp que circulavam em grupos de garimpeiros, e que depois vieram ao público, davam notícias sobre a participação de membros de organizações criminosas no ataque: “uma canoa da facção estava descendo com mais de 20 homens armados com metralhadoras e fuzis” para “pegar o pessoal que roubou combustível”<sup>29</sup>. Outras mensagens sugeriam a intenção dos criminosos de dar continuidade aos ataques e do desejo de vingança pelos homens feridos no revide com arco e flecha que os Palimiutheri conseguiram realizar.

A notícia, que conjugava PCC e Massacre na mesma frase, deu ampla repercussão aos ataques na mídia, o que fez com que finalmente as forças de segurança fossem acionadas. Ao chegarem em Yakepraopë, contudo, os policiais foram recebidos com bala<sup>30</sup> pelos homens do garimpo, em um claro sinal de que eles não pretendiam recuar.

Ainda assim, e mesmo com o respaldo de decisões judiciais<sup>31</sup>, as forças policiais mantiveram-se no local apenas de forma intermitente, visitando a comunidade quinzenalmente e permanecendo por poucos dias. De modo que, após os ataques, a região permaneceu a maior parte do tempo sob o signo do terror. Depois do primeiro ataque, vários outros aconteceram durante os meses de maio, abril, junho e julho (ver “Cronologia dos ataques no Palimiu”).

<sup>29</sup> <https://amazoniareal.com.br/garimpeiros-ligados-ao-pcc-atacam-aldeia-yanomami/?fbclid=IwAR2NRN-04m8mA1EMlpHMy9cDlcQYMTKFFxMjiQdW5htjCGBXKw5sJGfuVQ>

<sup>30</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/05/11/policia-federal-e-garimpeiros-entram-em-confronto-na-regiao-de-conflito-na-terra-yanomami.ghtml>

<sup>31</sup> <https://oglobo.globo.com/brasil/yanomami-justica-federal-manda-governo-manter-forcas-de-seguranca-permanente-em-aldeia-atacada-por-garimpeiros-25015916>

## CRONOLOGIA DOS ATAQUES NO PALIMIÚ

### 30 DE ABRIL:

Ofício relata um conflito em 27 de abril, quando um grupo de Yanomami interceptou cinco garimpeiros que subiam o rio em direção ao Korekorema, no rio Uraricoera, em uma voadeira carregada de combustível para avião e helicóptero. Foram apreendidos 990 litros de combustível. Outros sete garimpeiros que desciam o rio em direção a Boa Vista reagiram, disparando três tiros contra os indígenas. Não houve feridos. O ofício já pedia medidas urgentes para garantir a segurança da comunidade.

### 10 DE MAIO:

Dia do primeiro ataque ao Palimiú. Um segundo ofício é enviado à Funai, MPF, PF e Exército, pedindo urgência para impedir a violência e garantir a segurança em Palimiú.

### 12 DE MAIO:

Terceiro ofício, enviado somente ao Exército, solicita apoio logístico para a segurança local e a instalação de posto emergencial de segurança na comunidade Palimiú e no Rio Uraricoera, devido a mais um confronto armado entre garimpeiros, indígenas e agentes da Polícia Federal.

### 13 DE MAIO:

Quarto ofício denuncia a chegada de 40 barcos de garimpeiros no Palimiú e alerta que os garimpeiros estavam se organizando para iniciar novos ataques.

### 15 DE MAIO:

Nota pública denuncia a morte de duas crianças no Palimiú após ataque de garimpeiros, cinco dias antes.

### 17 DE MAIO:

Quinto ofício informa que 15 barcos de garimpeiros se aproximaram da comunidade. Os Yanomami disseram que, além dos tiros, havia muita fumaça e que seus olhos estavam ardendo, indicando uso de bombas de gás lacrimogêneo. “Estavam muito aflitos e gritavam de preocupação ao telefone. Ao fundo, era possível escutar o som dos tiros”, narrou Hutukara às autoridades.

### 1 DE JUNHO:

Segunda nota pública destaca ataque armado de garimpeiros ao ICMBio na Estação Ecológica de Maracá, Roraima. Os invasores usam o trecho do rio que atravessa a Unidade de Conservação como rota de abastecimento das áreas de exploração ilegal de ouro.



#### 7 DE JUNHO:

Sexto ofício narra novo ataque, na comunidade Maikohipi, região do Palimiú, atingida com bombas de gás lacrimogêneo.

#### 10 DE JUNHO:

Sétimo ofício da Hutukara denuncia que garimpeiros ameaçam indígenas na comunidade Maikohipi e mataram um cachorro como alerta.

#### 14 DE JUNHO:

Oitavo ofício da Hutukara denuncia que um grupo de garimpeiros em três barcos e iniciaram um tiroteio contra a comunidade. Diante do novo ataque, os Yanomami se esconderam no mato, e então os garimpeiros seguiram viagem rio acima, em direção ao garimpo do Tatzão.

#### 17 DE JUNHO:

Nono ofício da associação destaca que um grupo de garimpeiros encapuzados dispararam tiros contra as casas da comunidade de Korekorema, na região de Palimiu, no rio Uraricoera, obrigando os Yanomami a se esconderem na floresta.

#### 18 DE JUNHO:

Décimo ofício denuncia a agressão de garimpeiros contra jovens e crianças indígenas no Palimiu, quando estavam pescando no rio Uraricoera, próximo a comunidade Tipolei, e um barco com 5 garimpeiros armados se aproximou. Os garimpeiros aceleraram contra os Yanomami e bateram com o barco na canoa deles, fazendo com que os indígenas caíssem na água e a canoa afundasse. Os jovens e crianças conseguiram fugir pelo rio e pela mata até Yakepraopë (primeira comunidade atacada dia 10 de maio).

#### 14 DE JULHO:

Após algumas semanas de relativa tranquilidade com a deflagração da operação Omama, a Hutukara envia seu décimo primeiro ofício relatando a retomada de ataques armados aos Yanomami na região do Palimiu. No dia 08 de julho, uma embarcação de garimpeiros disparou quatro tiros contra mulheres que procuravam um parente desaparecido no rio próximo à comunidade de Korekorema. No dia 13 de julho, de madrugada, a comunidade Palimiu foi atacada por dois barcos de garimpeiros, que dispararam 10 tiros contra os indígenas. Após os ataques, os garimpeiros retornaram a seu acampamento.

#### 03 DE AGOSTO:

Ofício da HAY registra a continuidade da circulação de embarcações de garimpeiros armados subindo o rio Uraricoera, conforme relato de lideranças do Palimiu. Segundo o relato, um grupo de garimpeiros estaria se organizando para uma retaliação às comunidades Palimiu por suas denúncias. A informação dá conta de que apesar da recente operação, a atividade garimpeira não cessou na região.



Foto 8:  
Comunidade  
Yakepraopë,  
Palimiu.



Em relato concedido ao Ministério Público Federal na época dos ataques, lideranças do Palimiu registraram diversos impactos provocados pelo garimpo ao seu sistema produtivo, além das ameaças e da violência que vinham sofrendo. Segundo eles, antes da invasão “a pescaria era boa, a caçaria era boa”, mas agora não, o rio está contaminado (xami) e a caça emagreceu (yaropë romihipë). Descreveram áreas degradadas pela atividade, tanto na margem do rio, quanto no interior da floresta, que antes faziam parte da sua área de uso cotidiano e que hoje não podem mais ser acessadas pelas famílias. Assim, para caçar, pescar e coletar frutos devem-se deslocar para locais mais distantes, o que tem comprometido o tempo disponível para outras tarefas.

Em uma entrevista a jornalistas que visitaram a aldeia após os ataques uma das lideranças expressou a sua revolta:

*Eu, sendo uma liderança, estou com muita raiva! Você pode ver em minha cara que estou com muita raiva, não fique enviando seus filhos garimpeiros em nossa terra! Eu não aceito isso! Eu não aceito! Eu não quero essas coisas ruins! Vocês são violentos! Seus filhos são violentos. Ficou toda essa situação ruim de agressões aqui! Eu não quero isso! Vocês deixaram tudo terrível para nós! Eu sou povo da floresta! Não quero ver isso! Eu quero é assistência à saúde de verdade, projetos de verdade! Polícia de verdade! É isso que eu quero ver! Os garimpeiros destruíram nossa floresta. Nós, lideranças, não queremos seus garimpeiros! Nossos animais de caça já acabaram! As crianças já estão sofrendo com doenças de pele e diarreias! Nossos filhos já estão doentes! Bolsonaro, busque seus filhos garimpeiros e os leve de volta!*

Outros impactos relatados pelas lideranças dizem respeito à introdução de drogas e bebidas alcoólicas e o acirramento de conflitos internos nas comunidades. Eles deram o exemplo da Aracaçá que, segundo descreveram, está em vias de desaparecimento, tamanha a desestruturação social provocada pela influência dos garimpeiros (Thêpë p r o yai hoximi!). Segundo os Palimiu Theli, no Aracaçá, os Sanöma deixaram de abrir roças e hoje dependem da alimentação oferecida pelos garimpeiros em troca de serviços, como carregar combustível e realizar pequenos fretes de canoa. Lá, ainda de acordo com os Palimiu Theli, os garimpeiros introduziram bebidas e um “pó branco” que deixaram os Sanöma viciados, alterados e violentos (“pihi yayoprarioma”, “pihi xi warihprario”, “pihi yaiprarioma”), resultando em muitos episódios de violência entre os de Aracaçá.



Foto 9:  
Canteiro de  
garimpo no  
Uraricoera.





Foto 10:  
Área de garimpo  
na terra firme do  
Uraricoera.





Foto 11:  
Área de garimpo  
no Uraricoera.





Foto 12:  
Garimpo na foz  
do rio Aracaça,  
TIY, Janeiro de  
2022.



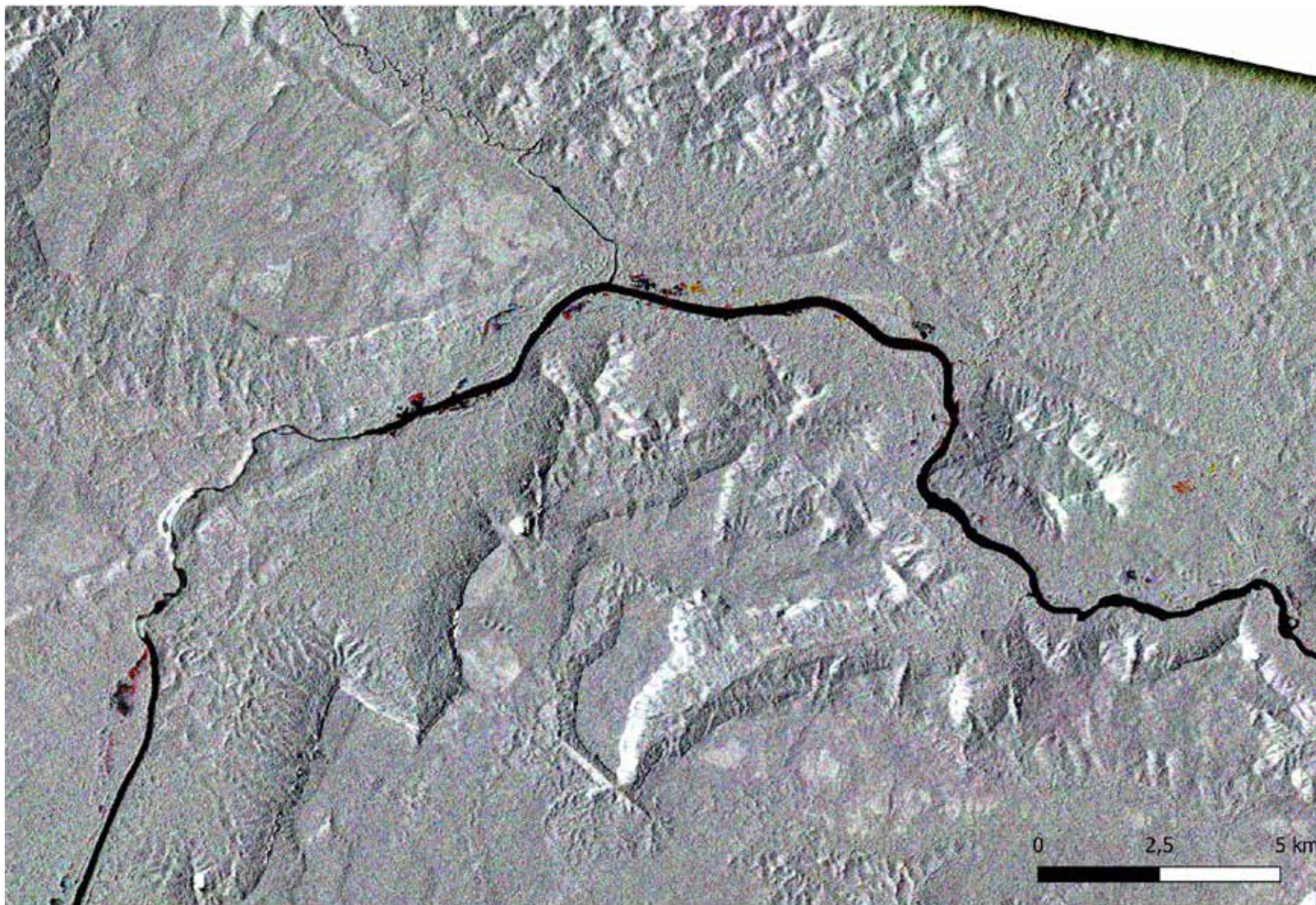


Imagem 2:  
Mosaico  
multitemporal de  
imagens radar  
em 2021 da  
confluência do  
rio Aracaçá com  
o rio Uraricoera.



Outro efeito destacado pelos Yanomami do Uraricoera é a fragilização da saúde das comunidades. Este processo pode ser verificado, por exemplo, nos dados de malária nos polos-base que compreendem a macrorregião: Uraricoera, Palimiu e Waikás. Como pode ser observado no gráfico 2), depois de 2017 houve uma explosão de casos em todos os polos, com destaque para o Palimiu que em 2020 superou 1.800 casos. Destaca-se que a população total do Palimiu no mesmo ano era de pouco mais de 900 pessoas, ou seja, os dados do Sivep apontam para uma média de quase dois casos de malária por pessoa.

O paludismo, por sua vez, compromete não apenas a saúde individual do doente, mas também a economia das comunidades que dependem da força de trabalho familiar para produzir sua subsistência. Um homem que deixa de abrir um roçado no período de estiagem por estar debilitado pela malária terá no futuro maiores dificuldades de sustentar a si mesmo e os seus co-residentes, criando assim um ciclo vicioso de malária, crise econômica e fragilização social. É, pois, justamente no cenário de extrema vulnerabilidade que o garimpo avança e busca aliados entre jovens indígenas, acelerando ainda mais a tragédia local.

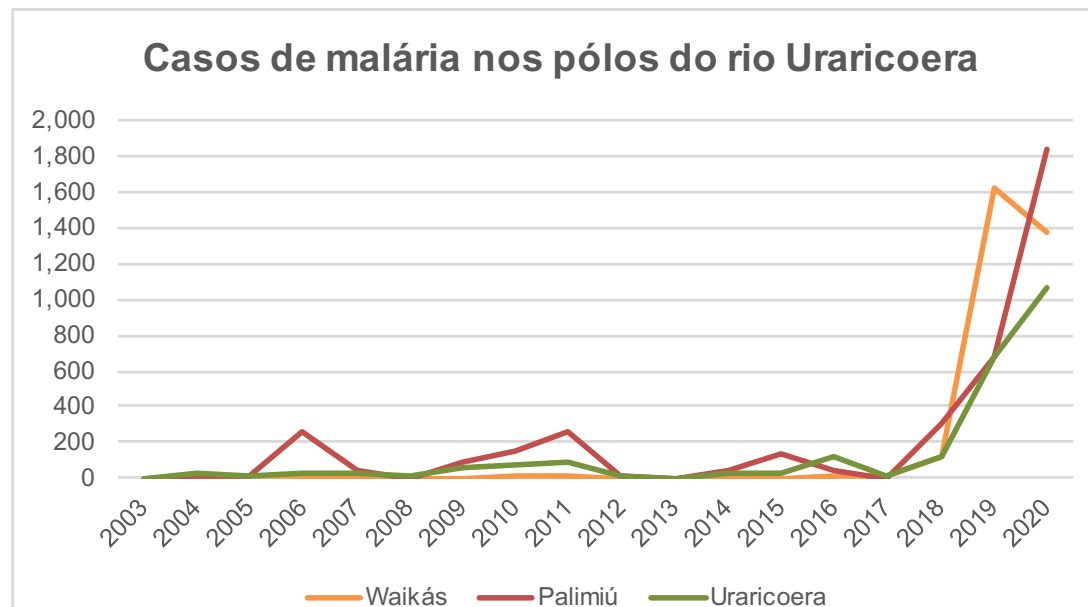


Gráfico 2: Evolução dos casos de malária nos polos da macro-região do Uraricoera.

Fonte: Sivep-Malária.

Vale lembrar que a primeira vítima indígena da COVID-19 no Brasil foi um jovem Ninam da comunidade Helepe, situada às margens do rio Uraricoera. O jovem de apenas 15 anos foi hospitalizado na capital de Roraima em março de 2020 com sintomas respiratórios. Nos seus últimos meses de vida, ele estava desnutrido, anêmico e havia contraído malária repetidas vezes. Seu corpo foi enterrado em um cemitério de Boa Vista, sem que sua família fosse consultada, desrespeitando seriamente os protocolos funerários rituais indígenas.

É inevitável conjecturar que a história dos habitantes do Uraricoera poderia ter sido diferente caso o governo brasileiro tivesse respeitado as recomendações judiciais de reabertura das Bases de Proteção, ou mesmo ter implementado as medidas de contenção de invasores sugeridas pela APIB no âmbito da ADPF 709. A verdade é que muito pouco foi feito dada a dimensão do problema.

Em março de 2021, a Polícia Federal, em parceria com outros órgãos, realizou uma operação (Yanomami ADPF 709) no garimpo conhecido como “Fofoca de Cavalo”. Os policiais estimaram a presença de mais de duas mil pessoas no local, que oferecia serviços como bares, lan house, mercado e consultório odontológico<sup>32</sup>. A operação, segundo consta, apreendeu diversos objetos para auxiliar nas investigações e inutilizou 20 motores e um helicóptero.

De maio a junho, outra operação ocorreu, chamada “Palimiu”. Nesta, a PF afirma ter destruído 35 motores de propulsão, 11 geradores de energia, uma embarcação, 4500 litros de óleo diesel, e uma solda elétrica, bem como ter apreendido munições e 750g de mercúrio<sup>33</sup>.

Durante os dias 26 de agosto e 7 de setembro mais uma operação foi deflagrada no Uraricoera. A operação logrou destruir três portos e cinco helipontos clandestinos e apreender onze aeronaves<sup>34</sup>.

Finalmente, no segundo semestre de 2021, uma quarta ação foi realizada neste rio. Segundo indígenas que vivem no local, o seu foco foi o “garimpo da Adriana”, uma área que se expandiu rapidamente próximo ao encontro dos rios Auaris e Parima, na formação do Uraricoera. De acordo com os indígenas, cerca de cinco dias após a operação, a logística do garimpo voltou a funcionar. Aeronaves e helicópteros com voos diários reconstruíram com rapidez a estrutura do garimpo, transportando inclusive chapas de ferro que foram soldadas no acampamento para forjar balsas novas. Eles registraram pelo menos 12 balsas em ação, logo depois das operações. A movimentação nos rios e portos também se recuperou com agilidade. As imagens que ilustram esse relatório, todas feitas entre os dias 26, 27 e 28 de janeiro, por sua vez, confirmam os relatos.

A deflagração destas operações são passos importantes para o controle da atividade ilegal. Entretanto, a persistência do garimpo e a sua ampliação em 2021 atestam que este tipo de ação, realizada de maneira esporádica e isolada, é insuficiente para conter o avanço da atividade. Como indicamos na introdução, o garimpo de ouro é hoje uma atividade empresarial que depende de altos investimentos. Portanto, a lógica por trás da atividade é uma lógica essencialmente econômica, isto é, enquanto os retornos forem maiores do que os riscos, sempre haverá quem queira investir. Assim, é fundamental garantir que os custos de operação do garimpo permaneçam inviáveis para sua manutenção em áreas remotas como a TIY. Para tanto, o Estado precisa garantir que as estruturas de proteção e fiscalização na TIY estejam operantes de forma perene. Ao mesmo tempo que as pistas clandestinas do garimpo devem ser sistematicamente inutilizadas e os aeródromos que dão suporte ao atendimento de saúde devem ser frequentemente fiscalizados. Em alguns casos, inclusive, é recomendada a presença duradoura de forças de segurança, para evitar que o controle das pistas comunitárias seja exercido pelo garimpo e as equipes médicas não possam promover o necessário atendimento.

<sup>32</sup> <https://folhabv.com.br/noticia/POLICIA/Ocorrencias/PF-desarticula-area-de-garimpo-com-lan-house--dentista-e-mercado/74282>

<sup>33</sup> <https://folhabv.com.br/noticia/POLICIA/Ocorrencias/Policia-Federal-e-Exercito-finalizam-primeira-fase-de-operacao-em-Garimpo/76724>

<sup>34</sup> <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Ibama-embarga-59-pistas-de-pouso-clandestinas-na-Terra-Yanomami/79693>



Um detalhe importante da estratégia de proteção territorial é a desarticulação das redes de internet que funcionam nos garimpos da TIY e que permitem que os garimpeiros antecipem uma operação.

Atualmente todos os acampamentos, não só no Uraricoera, contam com antenas de internet, seja ela via rádio ou via satélite. O serviço é oferecido livremente nas redes sociais, e é comercializado por empresas de Boa Vista que chegam inclusive a oferecer seus funcionários para realizar a instalação nos acampamentos.

Um efeito um tanto quanto insólito desta facilidade é que os próprios indígenas não conseguem adquirir pacotes de internet razoáveis para serem instalados em escolas ou postos de saúde, por que a maior parte dos pacotes de alta velocidade disponíveis nas empresas que oferecem o serviço em Boa Vista já estão vendidos para o garimpo, ainda que ele seja notoriamente ilegal!

A facilidade de acesso à internet, habilita a circulação de informação entre os núcleos garimpeiros com a cidade e entre si. Notícias de uma eventual operação se espalham rapidamente pelo WhatsApp. Diariamente nos grupos de garimpeiros circulam mensagens com avisos sobre a movimentação dos órgãos de proteção, tais como: “helicóptero do exército circula o Uraricoera”; “carro do IBAMA passou pela rodovia 332”. A recorrência do vazamento de informações sobre operações contra o garimpo indica a existência de conexões com pessoas dentro dos órgãos de fiscalização que têm acesso a informações confidenciais sobre os planos de ação policial. Como resultado, a efetividade das operações é comprometida e a organização do garimpo esbanja resiliência.



Foto 13:  
Balsa de ferro  
em ação no rio  
Uraricoera.





Foto 14:  
Garimpo ativo  
no encontro dos  
rios Auaris e  
Parima, TIY.

## AUARIS



Os moradores da calha do rio Uraricoera relataram, desde o final de 2020, um tráfego intenso de aeronaves e helicópteros em direção à fronteira com a Venezuela. É muito comum avistar o modelo Robinson<sup>35</sup> transitando pelo céu da TIY. Mas, no Uraricoera, os indígenas afirmam ver frequentemente modelos maiores de helicópteros à serviço do garimpo, “iguais aos do exército<sup>36</sup>”, dizem.

Analisando imagens de satélite que abarcam a região, identificamos dois focos de garimpo relacionados ao polo-base Auaris. Um deles, ainda pequeno, está localizado na fronteira, próximo à comunidade Sanöma Irotha (Foto 15). E o outro, cuja cicatriz se expandiu rapidamente em 2021, localiza-se em um afluente do rio Metacuni, em território venezuelano, próximo à comunidade Katanã, no lado brasileiro.

A fotografia 16 ilustra o garimpo de Irotha. Apesar de ainda estar restrito ao vale de um igarapé local, há sinais de que ele possa estar crescendo em direção à fronteira. Durante o sobrevoo avistamos um desmatamento recente nas serras que dividem os países, mas não foi possível identificar se trata-se de uma nova área de roça ou se a área está sendo convertida em um futuro acampamento garimpeiro.

Já o garimpo no Metacuni (no setor de Simada Wiochö), por estar fora do país, só pôde ser observado por meio de imagens de satélites. A Imagem 3, produzida a partir de um mosaico do Sentinel 2 e referente a novembro de 2021, o retrata. Na imagem, a cicatriz aparece em branco e rosa no lado esquerdo da figura, seguindo o curso de um igarapé. A mancha verde-claro no centro se refere à comunidade Katanã e suas roças adjacentes.

Apesar deste garimpo não estar situado no Brasil, tudo indica que a logística que o alimenta está baseada aqui. Recentemente, uma reportagem publicada pelo jornal El País reforçou a informação de que a pista que dá acesso aos canteiros de exploração neste setor recebe sobretudo aeronaves brasileiras<sup>37</sup>. A infiltração de grupos criminosos venezuelanos em Roraima como o Trem de Aragua, o Sindicato e o Trem de Guayana, porém, não nos permite inferir que a exploração possui o envolvimento exclusivo de empresários brasileiros<sup>38</sup>.

<sup>35</sup> Cujo valor é superior a 400 mil reais.

<sup>36</sup> Black Hawk.

<sup>37</sup> <https://elpais.com/internacional/2022-01-30/las-pistas-clandestinas-que-bullen-en-la-selva-venezolana.html>

<sup>38</sup> <https://tab.uol.com.br/edicao/pcc-no-garimpo/#cover>





Foto 15:  
Comunidade  
Sanöma Irotha.





Foto 16:  
garimpo  
próximo a  
Irotha.



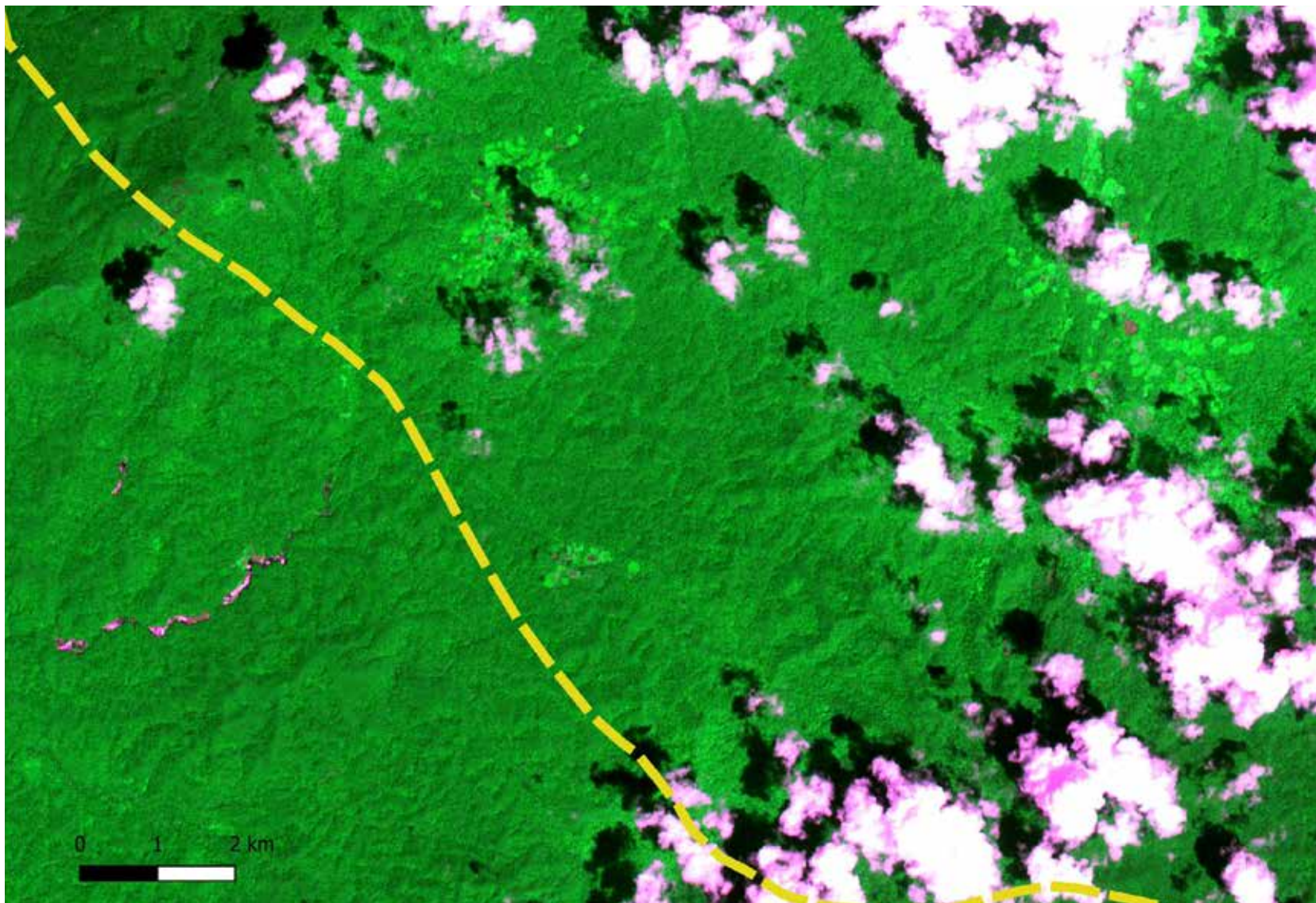


Imagem 3:  
Mosaico do  
satélite Sentinel  
2 de novembro  
de 2021.

A linha amarela  
tracejada diz  
respeito à  
fronteira Brasil-  
Venezuela.

Os efeitos da proximidade deste garimpo das comunidades situadas no lado brasileiro, em especial Katanã, já podem ser observados repercutindo em toda a região de Auaris. Há relatos de indígenas que vivem em casas mais próximas ao Pelotão de Auaris que são utilizados como mão de obra em canteiros de Simada Wiochö. E de algumas famílias que se deslocam ao local para trocar alimentos como banana e beiju por objetos industrializados.

A rede de troca que tem se formado a partir de Simada Wiochö, segundo relatos de área, envolve não apenas indígenas Sanöma, mas principalmente Ye'kwana e não indígenas que trabalham no sistema de saúde. Nela, em linhas gerais, os Sanöma trocam força de trabalho por ouro, depois trocam o ouro nas cantinas Ye'kwana, que por sua vez vendem aos não indígenas que circulam no pelotão.

Enquanto isso, os casos de malária na região explodem (de 2019 para 2020 a malária cresceu 247%) e as famílias envolvidas nesse sistema são tragadas pela penúria, fato que se evidencia pelo agravamento da desnutrição infantil (63% das crianças menores de cinco anos da região estão com déficit nutricional).

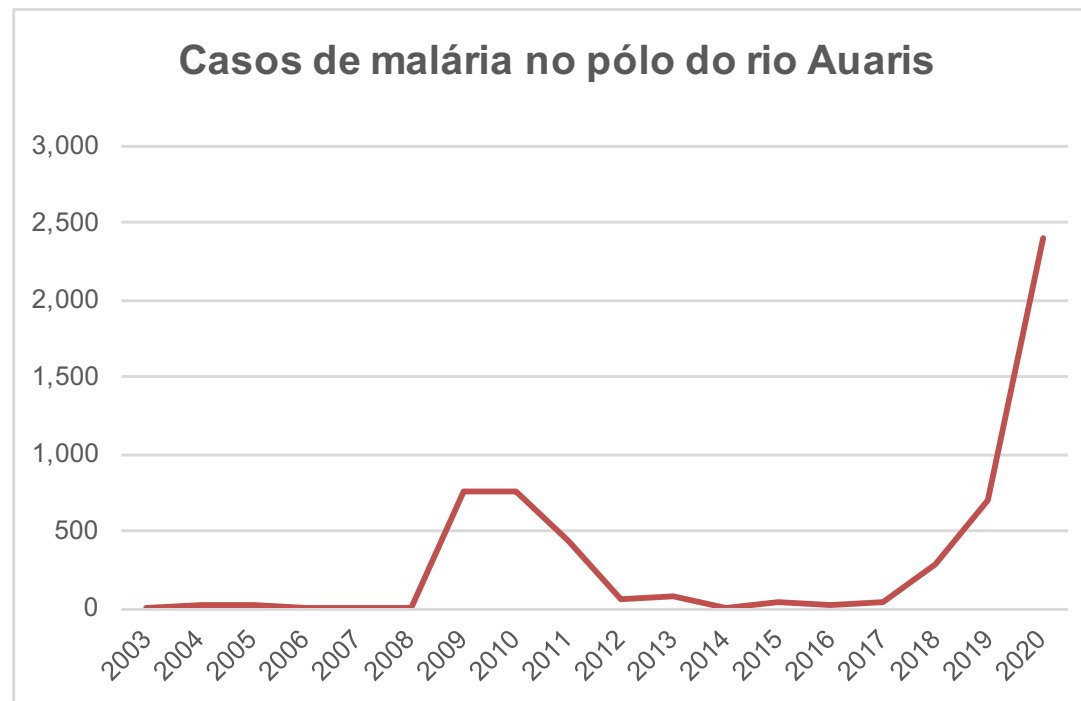


Gráfico 3:  
Evolução dos casos de malária no polo-base Auaris.

Fonte:  
Sivep-Malária.



## PARIMA (ARATHAU, PARAFURI, WAPUTHA E SURUCUCUS)



A calha do Parima abrange boa parte da região comumente chamada de “Serras”. Aqui iremos nos concentrar apenas nos polos-base onde foram registrados desmatamentos associados ao garimpo, são eles: Arathau, Parafuri, Waputha e Surucucus<sup>39</sup>. Neste último, o garimpo se concentra sobretudo nas sub-regiões de Yarima e Wathou, zonas mais distantes do aglomerado de comunidades próximo à pista do Pelotão de Fronteira.

De todas essas regiões, a situação do Arathau é a mais desalentadora. Ali operam diversos canteiros, quatro pistas de pouso clandestinas e uma dúzia de balsas, ao longo de todo o médio curso do rio Parima. Há também exploração em igarapés afluentes em ambas as margens.

O boom do garimpo no Parima começou ainda em 2020, com a eclosão da epidemia de COVID-19, e, de lá pra cá, foi observado um incremento de mais de 100 hectares de destruição, além de uma coleção de episódios trágicos.

Os primeiros relatos de violência e morte chegaram já em 2020, quando dois Yanomami foram assassinados em um conflito próximo a uma pista clandestina que atende o garimpo na região<sup>40</sup>. O testemunho obtido na época descrevia como o garimpo se intensificava se aproximando das comunidades, ao mesmo tempo em que as hostilidades contra os indígenas cresciam.

Em 2021, as mortes passaram a ocorrer também em função da desassistência sanitária, uma vez que o polo-base do Arathau foi sendo paulatinamente abandonado pelo Distrito Sanitário Especial Yanomami e Ye'kuana (DSEI-YY). Em 2020 foram realizados 11277 atendimentos de saúde neste polo, e, em 2021, o número caiu para 2815<sup>41</sup>.

Como consequência, diversos pacientes com doenças passíveis de tratamento tiveram o seu quadro agravado, e alguns chegaram a óbito. Esse é o caso de um xamã de 50 anos que morreu na comunidade Macuxi Yano, em outubro, por não conseguir atendimento médico<sup>42</sup>. E também a situação de duas crianças da casa Xaruna que morreram de malária<sup>43</sup> em outubro, e de uma terceira criança da mesma comunidade vítima de malária e pneumonia, em novembro<sup>44</sup>.

<sup>39</sup> O Xitei, que está localizado nas nascentes do rio Parima, poderia ser explorado também nesta seção, mas dada a expansão espantosa observada nessa região em 2021 optou-se por tratá-la em separado.

<sup>40</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/06/26/jovens-indigenas-sao-mortos-por-garimpeiros-em-conflito-na-terra-yanomami-em-roraima.ghtml>

<sup>41</sup> Até outubro de 2021.

<sup>42</sup> <https://roraimaemtempo.com.br/saude/conselho-yanomami-denuncia-falta-de-assistencia-medica-para-indigenas/>

<sup>43</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/09/10/criancas-yanomami-com-malaria-morrem-por-falta-de-socorro-em-comunidade-diz-conselho-de-saude.ghtml>

<sup>44</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/11/18/crianca-yanomami-de-3-anos-com-malaria-e-pneumonia-morre-sem-atendimento-em-comunidade-diz-conselho-de-saude.ghtml>



Foto 17:  
Garimpo  
próximo à  
comunidade  
Makabey,  
Arathau.





Foto 18:  
Garimpo  
próximo à  
comunidade  
Xaruna,  
Parima, TIY.

Além da Malária que cresceu 1127% de 2018 a 2020, as comunidades do Arathau são aquelas que apresentam os maiores índices de desnutrição infantil de toda a Terra Indígena. Cerca de 79,34% das crianças de até cinco anos da região possuem baixo peso ou muito baixo peso<sup>45</sup>.

A desnutrição infantil é um fenômeno complexo e multicausal, mas no contexto Yanomami, a influência do garimpo é inequívoca e determinante. Como indicam os próprios indígenas, o problema não é a ausência absoluta de alimentos, mas a escassez relativa resultante da desestruturação social e econômica que a invasão garimpeira acarreta: as doenças impedem as pessoas de trabalhar e cuidar dos filhos; os jovens deixam de contribuir nas atividades produtivas para trocarem sua mão de obra por restos de alimentos e objetos usados no garimpo; armas e bebidas alcoólicas introduzidos pelos garimpeiros acirram conflitos internos e deflagram guerras intercomunitárias. Além é claro, da destruição ambiental que reduz a disponibilidade de terra fértil, pescado e alimentos para coleta no entorno das casas.

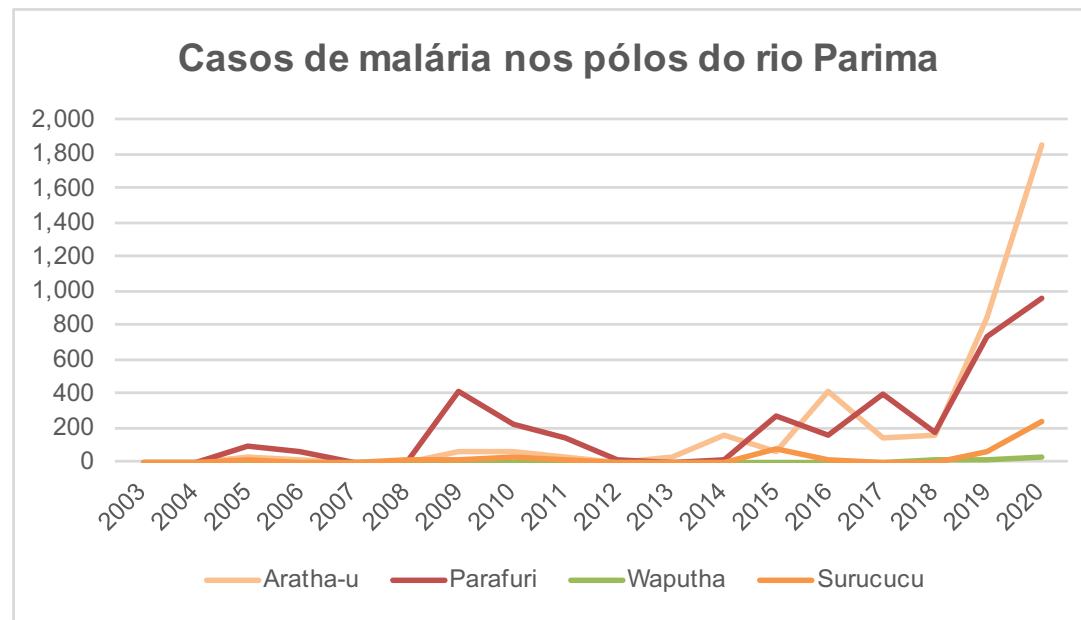


Gráfico 4: Evolução dos casos de malária nos polos banhados pelo rio Parima.

Fonte: Sivep-Malária.

Como registra um pesquisador Yanomami<sup>46</sup> que investiga os efeitos do garimpo na TIY, em algumas zonas há uma espécie de sobreposição entre a área de exploração mineral e a área de uso cotidiano das comunidades, situação especialmente aguda no contexto do rio Parima, como as fotos (17 e 18) atestam.

*Os Yanomami fadigam em cultivar suas roças, mas os [garimpeiros] de-*

*sejosos de ouro devastam suas roças. É verdade. Se houver ouro onde tem uma roça, eles não perguntam primeiro para os Yanomami: "Quem abriu aquela roça?". Eles, depois de instalar suas dragas sem perguntar, eles devastam as roças com os alimentos plantados, por isso os Yanomami ficam angustiados.*

<sup>45</sup> [https://apublica.org/2021/09/sob-bolsonaro-yanomami-tem-o-maior-indice-de-mortes-por-desnutricao-infantil-do-pais/?utm\\_source=telegram&utm\\_medium=transmissao&utm\\_campaign=desnutricaooyanomami](https://apublica.org/2021/09/sob-bolsonaro-yanomami-tem-o-maior-indice-de-mortes-por-desnutricao-infantil-do-pais/?utm_source=telegram&utm_medium=transmissao&utm_campaign=desnutricaooyanomami)

<sup>46</sup> Os nomes serão omitidos para preservar a segurança dos pesquisadores.



[Os Yanomami] pensam: “Eles não me avisaram!”. Os Yanomami, com suas mulheres e filhos, ficam muito preocupados pelos alimentos das roças. Os garimpeiros são muito insensatos. Eles pensam: “Talvez os Yanomami não fiquem tristes”. [Os Yanomami se questionam:] “Onde irei abrir novamente uma roça?”, mas, embora procurem outra terra adequada, não a encontram. Eles voltam a abrir as roças onde antigamente cultivavam, mas as plantas dos alimentos não crescem bem. De fato, o solo já se tornou contaminado.

*Yanomae pë hutukanapë thamuha, thëpënë õhõtaai makii, ai maa maxi peximia pratima pënë hutupë wãriai he. Peheti thëã yai. Hutukana ka kureha, maa maxi pata kure hamë: “Witipiinë hutu e kana tha?”, Yanomae thëpë noa thai pariõimi he. Yami pënë wakapë mii xatiamaiha puohenë, hutukana hamë wamotima thëpë pihi kãe hixipraamai yarohe, yanomae pë xuhurumu.*

*“Kami ware noa thai ka mao!”, thëpë pihii kuu. Hutukana hamë wamotima thëpë kuowii yanomae pata xuhurumu, kama thuë pë e thëpë xë, ihuru e*

*pë pree xë. Poro pë yai mohoti. “Yanomae thëpë xuhurumoimi hathõõ”, pë pihi kuu. “Witi hamë ai hutu ya thaa kõprare pë tha?”, makii, ai urihi pë totihi hëtëi kõõ makihii, thë tapru kõtaaimi. Kama yanomae pënë yutuha hutukanapë thapu pariõiwihii hamë, pë hutupë thamu yapaai kõõ makii, wamotima thëpë raroa totihi proimi. Thë urihi õõxi herõnasi pëa hikirarioma kutaenë.*

Outro fato que expõe essa sobreposição foi a morte, em outubro de 2021, de duas crianças da comunidade Macuxi Yano. Elas morreram afogadas enquanto brincavam na praia em frente às suas casas, após serem derrubadas e tragadas pela correnteza gerada por uma draga garimpeira que operava a poucos metros da comunidade<sup>47</sup>. O sumiço das crianças foi testemunhado por seus familiares, sem que pudessem fazer nada para salvá-las. Uma das crianças foi encontrada no dia seguinte, e a segunda poucos dias depois, com buscas promovidas pelo Corpo de Bombeiros de Boa Vista a pedido do presidente do CONDISI-YY.

Após a morte do xamã e das crianças, as famílias de Macuxi Yano decidiram abandonar a casa-coletiva. Em Janeiro de 2022, quando foi realizado o sobrevoo de monitoramento, ainda era possível vê-los acampados em barracos de lona na margem de um rio quase morto (foto 19). Quando os órgãos de segurança estiveram no local para investigar o fato, as balsas não estavam mais lá, pois os donos já haviam desmontado e escondido o equipamento. Ninguém foi responsabilizado pelas mortes.

<sup>47</sup> <https://oglobo.globo.com/brasil/draga-de-garimpeiros-sugou-criancas-indigenas-que-brincavam-no-rio-diz-lideranca-yanomami-1-25236036>



Foto 19:  
Acampamento  
de famílias  
Yanomami  
que fogem do  
garimpo rio  
abaixo, TIY,  
Janeiro de 2022.





Foto 20:  
Rio Parima  
destruído pelo  
garimpo.

Um dos afluentes do rio Parima é o Igarapé Inajá, curso que drena a região do polo-base Parafuri. Ali, o garimpo também atua há bastante tempo, mas até então estava restrito a ação de balsas e grupos menores. Hoje se pode observar canteiros funcionando próximos às comunidades.

Há quase uma década a Hutukara tem notícias de conflitos intercomunitários que são alimentados pela entrada de armas de fogo dos garimpos das Serras.

Para o Antropólogo Rogério Do Pateo, que estudou a região das serras nos anos 2000<sup>48</sup>, as armas de fogo estão na origem dos maiores problemas que afligem a zona, com repercussões que atravessam décadas. Segundo ele, as espingardas, por serem mais letais que o arco e a flecha, produzem uma espécie de intensificação do sistema de vingança local. Mais mortos levam a mais ataques por vendeta, que, por sua vez, conduzem a mais mortes, gerando um ciclo vicioso que além das perdas humanas produz um cenário de permanente insegurança. As pessoas têm medo de sair para caçar, medo de cultivar roças mais distantes, medo de se locomover pelo rio, o que também impacta profundamente o sistema produtivo das famílias.

No Parafuri, as mortes violentas foram responsáveis por 35% dos óbitos nos últimos dez anos, segundo os dados do SIASI, obtidos via Lei de Acesso à informação.

A bebida alcoólica é outro importante elemento que deve ser considerado para compreender a atual situação de violência. Como nos explica um pesquisador indígena, a “cachaça” vicia e altera o comportamento dos jovens, que além de brigarem entre si, agredem os mais velhos, responsáveis pelo aconselhamento coletivo e pelo trabalho de manutenção da coesão social dos grupos locais:

As pessoas não chegam a brigar por causa do caxirí. Apenas reclamam por palavras. As pessoas chegam a se bater por causa da cachaça, sendo que a letalidade da cachaça é muito forte. “Antigamente, quando ainda vocês jovens não estavam, nós não nos batíamos bebendo cachaça. Agora vocês que estão aqui, vocês que se aproximaram desses que devastam nossa floresta, depois de beber cachaça, vocês batem em nós anciões e estamos acabando. Contudo, vocês acabam também se batendo, embebedados de cachaça! Esses que devastam a nossa floresta, não ficam entristecidos!”.

*Yami arihi uku waiha thëpë xeyoimi. Thëpë noa xirõ hërëa thayu. Yaraka upënë waiha thëpë yai xëprayu. thi yaraka upë wai kohipë mahi kutaenë. “Yutuha kaho oxë wamaki mao tēhë, yaraka yama upëha koanë yamaki xëprayonimi. Hwei tēhë kaho wamaki kurariowinë, hwei yamaki urihi pëka wãriarahii, wama thëpëha nohiararinë, wamapë yaraka upë waiha koanë, kami pata wamarekiha xëpranë yamaki maamaitayu. Makii, kaho wamaki kãe pree xeyu yaraka upë waiha! Hwei yamaki urihi pëka wariarahi thëpë xuhurumoimi!”.*

No polo Waputha e nos sub-polos Yarima e Wathou (Surucucus), apesar da atividade garimpeira ser menos intensa do que no baixo curso do rio Parima, os impactos observados na vida e na saúde das comunidades são semelhantes. Em Waputha, além de balsas, há exploração no igarapé localizado próximo à comunidade Porapii. E, em Surucucus, o garimpo está próximo ao conjunto de casas do sub-polo Yarima, fazendo uso da pista de pouso antes utilizada para o atendimento à saúde, e próximo ao Wathou, já na bacia do rio Mucajaí.

Nessas regiões os índices de desnutrição infantil também são próximos ou superiores a 70% e o número de mortes violentas ou por falta de assistência são altos. Em Waputha, por exemplo, o CONDISI em janeiro denunciou a morte de crianças com sintomas de COVID que não receberam socorro a tempo<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> PATEO, R. D. do. Niyau: Antagonismo e Aliança entre os Yanomami da Serra das Surucucus (RR). Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, 2005.

<sup>49</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/01/28/conselho-de-saude-indigena-relata-em-oficio-mortes-de-criancas-yanomami-com-sintomas-de-covid-em-roraima.ghtml>





Foto 21:  
Garimpo  
no Parafuri.





Foto 22:  
Balsa no Igarapé  
Inajá, Parafuri.





Foto 23:  
Garimpo  
próximo à  
comunidade  
Porapi,  
Waputha.





Foto 24:  
Garimpo na  
sub-região  
de Wathou,  
Surucucus.





Foto 25:  
Canteiro  
de garimpo  
próximo  
à Yarima,  
Surucucus.

## XITEI



Apesar de estar localizado na cabeceira do rio Parima, destacamos o Xitei das demais regiões desta bacia, pois foi ali que observamos o maior aumento relativo em 2021, uma taxa de crescimento superior a 1000%.

As primeiras cicatrizes observáveis no satélite começaram a aparecer apenas no segundo semestre de 2020, ainda inferiores a dez hectares. A Hutukara, logo que teve acesso a informação da chegada de invasores na região, denunciou às autoridades a situação.

Havia uma enorme preocupação, pois a população do Xitei vive em alto grau de isolamento nas zonas montanhosas da TIY, com pouquíssima experiência de relação com a sociedade envolvente. Sendo, portanto, mais vulneráveis a pressões e falsas promessas dos agentes do garimpo.

A aproximação dos garimpeiros das comunidades do Xitei ao longo de 2021, deu-se precisamente com base no aliciamento de jovens a partir de promessas de mercadorias e armas, e na intimidação dos opositores.

Uma denúncia recebida pela HAY descreve o processo de aliciamento de jovens indígenas nas cidades de Boa Vista e Mucajaí. Segundo o documento, os aliciadores abordam os indígenas em locais frequentados para receber atendimento de saúde, realizar serviços bancários ou para comprar ferramentas agrícolas, roupas, material de higiene entre outros objetos. Os jovens, entusiasmados com a possibilidade de terem

acesso a um número maior de mercadorias e ignorantes dos impactos da atividade, acabam cedendo ao assédio dos garimpeiros e facilitam a aproximação das comunidades, sem que os demais Yanomami estejam de acordo ou mesmo tenham ciência desse arranjo.

Os jovens que fazem esta intermediação são frequentemente presenteados com armas e assim passam a defender os interesses dos invasores contra o restante da comunidade que se opõe à atividade.

Em um vídeo de WhatsApp compartilhado por moradores da região, um garimpeiro, cercado de jovens Yanomami armados, envia um recado para o seu chefe, "Val", dizendo que já acertou com os "índios" a divisão da zona de exploração entre dois donos diferentes ("negão" e "madeira"). Duas coisas chamam atenção no vídeo, a primeira é o modelo territorialista do garimpo, assim como descrito no Uraricoera, e a segunda é a quantidade de armas na posse de jovens indígenas.





Foto 26:  
Vista geral do  
garimpo no  
Xitei, coração  
do território  
yanomami.





Foto 27:  
Garimpo ao  
lado da casa-  
coletiva no Xitei.





Foto 28:  
Grande  
acampamento  
de garimpo  
vizinho a outra  
casa no Xitei.





Foto 29:  
Detalhe do  
canteiro vizinho  
à maloca  
no Xitei.



Um dos maiores tributários da margem direita do rio Parima está completamente destruído pelo garimpo, trecho que abriga oito comunidades. Aqui a sobreposição entre áreas de uso cotidiano e canteiros de exploração é total. Historicamente, o Xitei, por suas características ambientais, é uma zona com baixos índices de malária<sup>50</sup>. No entanto, no que diz respeito a outras moléstias, como doenças respiratórias, diarréias de origem infecciosas e desnutrição, a vulnerabilidade é alta. Sobre tudo em função da precária estrutura que o Distrito possui na região para atender a uma população de quase duas mil pessoas.

No Xitei existem comunidades que não recebem atendimento regular há muitos meses. E, como se não bastasse o abandono, há denúncias de ex-profissionais do Distrito que hoje auxiliam o garimpo na mediação com a comunidade, se valendo da confiança construída com anos de trabalho na saúde.

De acordo com a denúncia de moradores:

*(...) Ontem eu encontrei um garimpeiro aqui na CASAI. Ele me ligou para pedir (autorização) para botar maquinário. Ele é (profissional) antigo da saúde. Você conhece ele. XXX. A mulher dele (se chama) XXX. Agora ele virou garimpeiro. Ele me pediu para botar maquinário no Keeta. Ele pediu ao conselheiro, XXX, para pesquisar (minério) perto do posto. Ele pesquisou. Mas ele tem medo de mim e do Tuxava. Ele conversou comigo ontem. Disse assim: "Ei, XXX, eu quero botar meu maquinário. Eu conheço muitos de vocês. Eu trabalhei antigamente na saúde. Eu conheço todas as comunidades, Wapuruta u, Mina u, Xako-xako, Simko, Putha theri, Watatase conheci muito também, por isso eu quero ajudar vocês". Ele me falou assim, ontem. Mas eu não quero deixar<sup>51</sup>.*

<sup>50</sup> Situação que vem se modificando com a progressiva destruição da paisagem local.

<sup>51</sup> Traduzido direto de uma mensagem de WhatsApp. Os nomes foram omitidos para resguardar a segurança do informante.



Foto 30:  
Helicóptero  
sobrevoa área  
de garimpo  
enquanto  
indígenas se  
acoram na  
lama buscando  
cassiterita para  
trocar por  
ferramentas  
e restos de  
alimentos.





Foto 31:  
Canteiro de  
garimpo no  
Xitei. Crianças  
e mulheres  
Yanomami no  
lado esquerdo  
da foto.

## HOMOXI



É muito provável que o garimpo no Xitei seja uma extensão da exploração no Homoxi, região situada na cabeceira do rio Mucajaí. No Homoxi a exploração é antiga, sendo uma das principais áreas afetadas nas décadas de 1980 e 1990<sup>52</sup>, e também um dos principais eixos da atual invasão.

Desde o segundo semestre de 2020 o garimpo voltou a explodir na região, ganhando proporções semelhantes ao do primeiro *boom*. A destruição na cabeceira do Mucajaí é tamanha, que um vídeo que mostra um desvio no leito do rio feito por garimpeiros no local<sup>53</sup> chocou a sociedade roraimense, que raramente expressa alguma indignação em relação à destruição ambiental no território Yanomami.

No Homoxi o garimpo se articula principalmente em torno da pista do Jeremias, aeródromo que até pouco tempo servia para dar suporte ao atendimento de saúde na região. O antigo posto de saúde ainda está de pé com o seu telhado relativamente preservado, mas em vez de receber enfermeiros e técnicos, hoje ele está sob o controle dos garimpeiros, como atestam as fotografias 33 e 34.

Segundo os dados da Sesai, em 2020 o posto do Homoxi realizou 5594 atendimentos, e em 2021 foram apenas 946<sup>54</sup>.

Naturalmente, o abandono da assistência à saúde associado à intensificação do garimpo e dos seus impactos, conduziu ao recrudescimento da crise sanitária na região. De acordo com os dados do SIASI, mais da metade das crianças menores de cinco anos pesadas pela equipe de saúde em 2020 apresentavam déficit nutricional, e, em maio de 2021, uma criança da região morreu por desnutrição sem atendimento médico<sup>55</sup>.

Como se não bastasse o abandono, nesta região, o CONDISI denunciou ainda o desvio de vacinas contra a COVID-19, vendidas em troca de ouro por funcionários da Sesai para os garimpeiros na região<sup>56</sup>.

<sup>52</sup> TOURNEAU, F.-M. LE, ALBERT, B., "Homoxi (1989-2004): o impacto ambiental das atividades garimpeiras na Terra Indígena Yanomami (Roraima)". Roraima: Homem, Ambiente e Ecologia, Boa Vista, FE-MACT, 2010. p. 155-170.

<sup>53</sup> <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Interior/Video-mostra-desvio-no-rio-Mucajai-feito-por-garimpeiros/74594>

<sup>54</sup> Até outubro.

<sup>55</sup> [https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/05/bebe-yanomami-morre-com-quadro-de-desnutricao-em-roraima.shtml?utm\\_source=app&utm\\_medium=push&utm\\_campaign=pushmultiplo&utm\\_content=pushfolha+pushcotidiano&id=1621716924](https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/05/bebe-yanomami-morre-com-quadro-de-desnutricao-em-roraima.shtml?utm_source=app&utm_medium=push&utm_campaign=pushmultiplo&utm_content=pushfolha+pushcotidiano&id=1621716924)

<sup>56</sup> <https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2021/04/13/associacao-yanomami-covid-vacinacao.htm?cmpid=copiaecola>





Foto 32:  
Garimpo no  
alto rio Mucajaí  
no boom  
da invasão  
ao território  
Yanomami,  
em 1991.

Crédito: Foto de  
Charles Vincent/  
ISA, 1991.



Foto 33:  
Pista do  
Jeremias em  
janeiro de 2022,  
Homoxi.



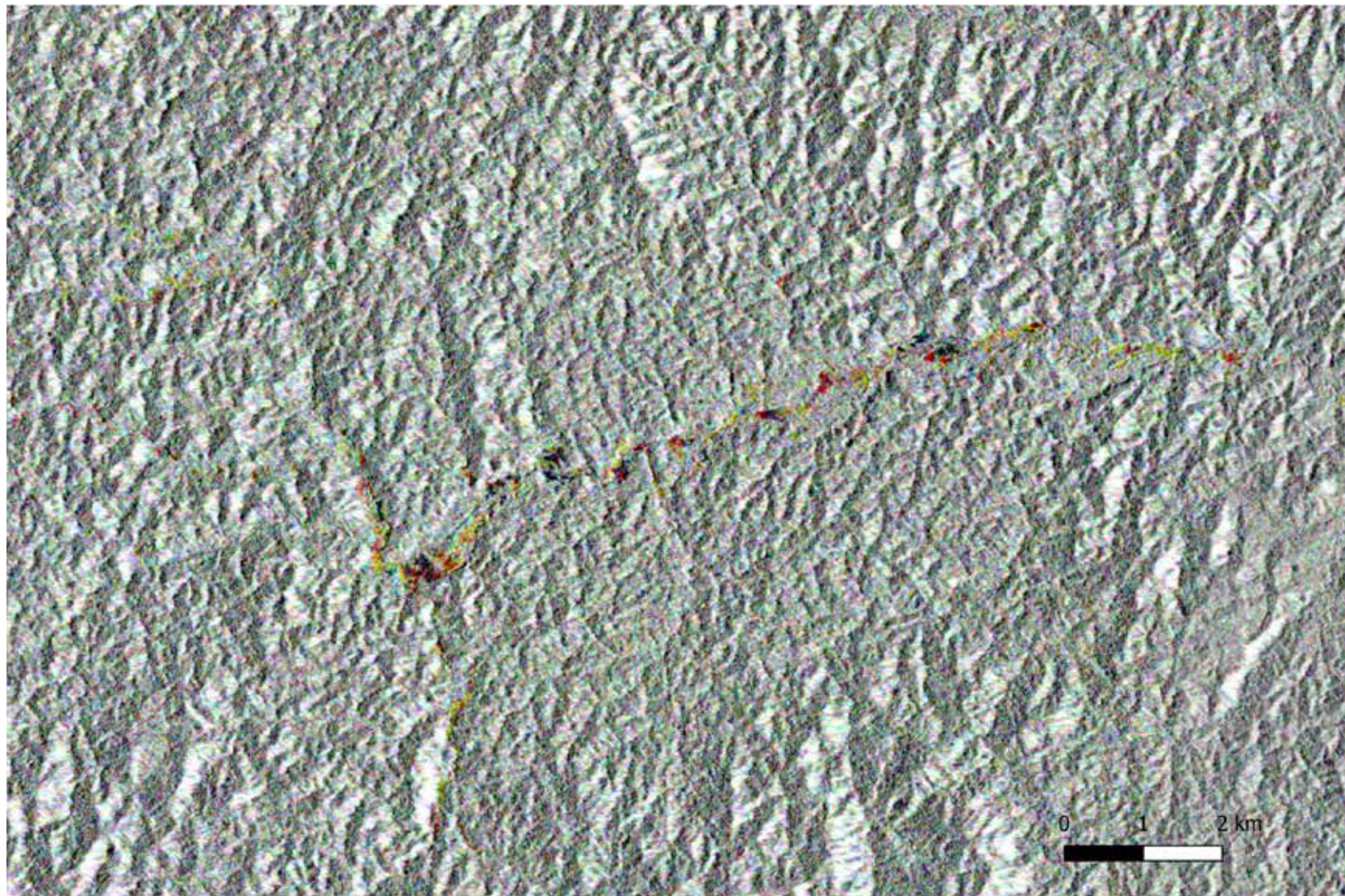


Imagem 4:  
Alteração detectada  
na cabeceira  
do Mucajáí  
em mosaico  
multitemporal  
radar.





Foto 34:  
Pista do Jeremias  
ocupada pela  
logística do  
garimpo. No  
canto superior  
da foto está o  
antigo posto de  
saúde da região.





Foto 35:  
Canteiro  
no Homoxi.

No Âmbito da ADPF 709, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) recomendou a instalação de uma barreira sanitária neste local, com a presença de forças policiais em caráter permanente. No entanto, a União deixou de cumprir a recomendação e realizou apenas operações pontuais (sabe-se de duas).

Na ação realizada pelo Exército em abril, por exemplo, não obstante a magnitude da destruição verificada nas fotos e nos satélites, a operação resultou na apreensão de somente sete motores e da identificação de trinta pessoas<sup>57</sup>.

Em julho, chegou à Hutukara a notícia de um Yanomami do Homoxi havia sido morto, atropelado por uma aeronave do garimpo que utilizava a pista de pouso local<sup>58</sup>. A resposta dos órgãos locais ao episódio foi questionar a veracidade do ocorrido, ignorando o fato de que o corpo dos yanomami falecidos em área são cremados, conforme manda o protocolo tradicional, e não encaminhados ao Instituto Médico Legal da cidade de Boa Vista. Lideranças tradicionais da região confirmaram o episódio à Hutukara Associação Yanomami.

No 11 de agosto, indignados com a situação e com a ausência de medidas por parte do poder público, os comunitários bloquearam o acesso à pista de pouso para os garimpeiros. As lideranças alertaram, contudo, sobre a possibilidade de retaliações e solicitaram apoio de segurança por parte do Estado. Demanda que foi protocolada pela Hutukara.

Com o passar do tempo, aqueles que resistiam, sem receber qualquer ajuda do Estado, foram coagidos a desistir, indo buscar refúgio nas serras que fazem a fronteira Brasil-Venezuela, onde não recebem atendimento médico.

<sup>57</sup> <https://folhabv.com.br/noticia/POLICIA/Ocorrencias/Operacao-desativa-sete-motores-utilizados-no-garimpo-em-Iracema/74929>

<sup>58</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/07/30/indigena-yanomami-morre-ao-ser-atropelado-por-aviao-de-garimpeiros-no-meio-da-floresta.ghtml>





Foto 36:  
Casa-coletiva no  
Homoxi cercada  
pela destruição  
do garimpo.





Foto 37:  
Outra casa-  
coletiva de  
Homoxi também  
envolvida pela  
destruição. No  
ar um avião que  
serve a logística  
do garimpo.



## RIO MUCAJÁ E COUTO MAGALHÃES (KAYANAU, PAPIU, ALTO MUCAJÁ, HAKOMA)

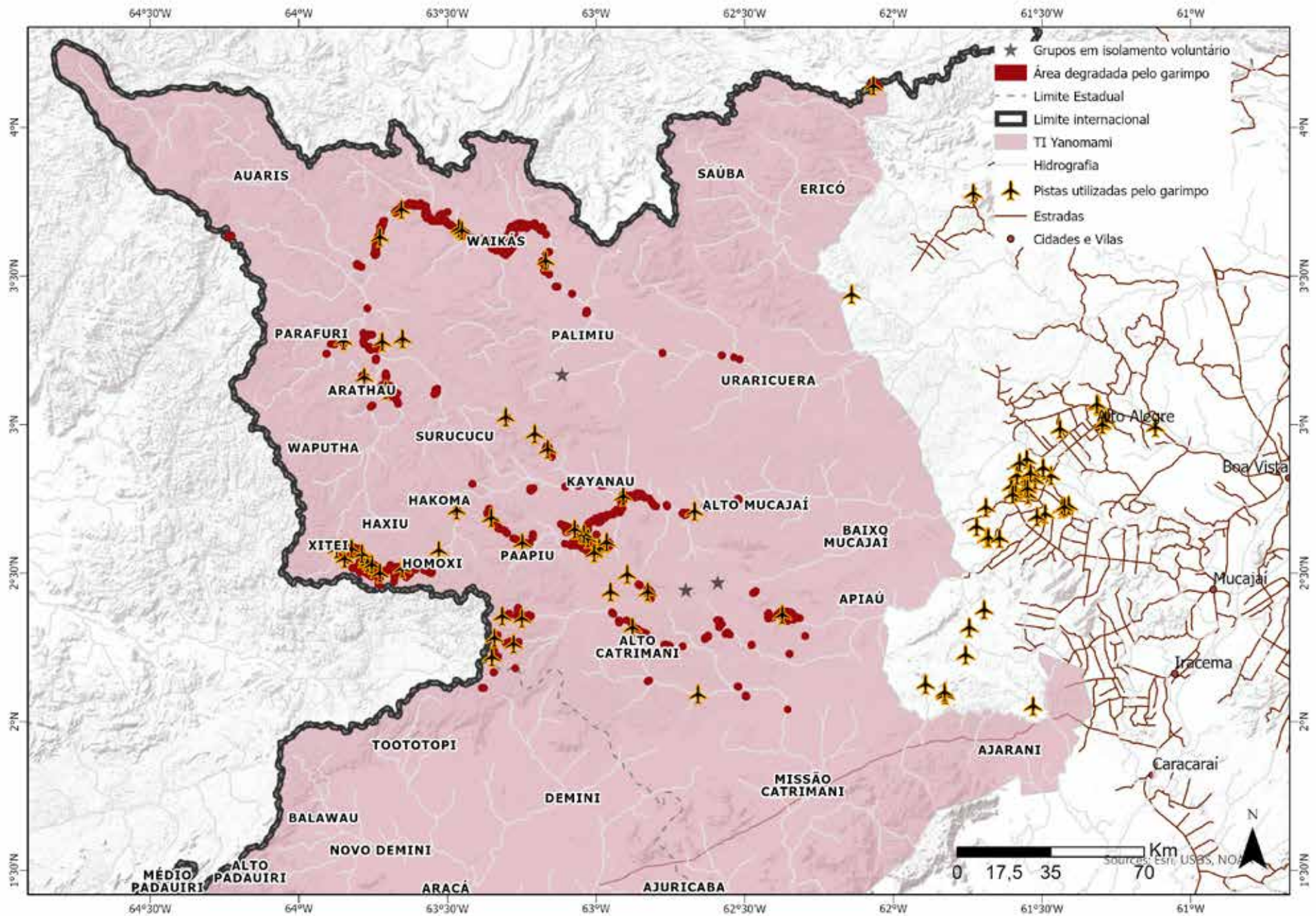


O rio Mucajá tem sido alvo de sucessivas ondas de invasão garimpeira nas últimas décadas, com picos e vales de intensidade. No início da década de 2010, com a crise financeira e o aumento do preço do ouro no mercado internacional, ele foi um dos destinos preferenciais dos garimpeiros na TIY, justamente por se tratar de uma zona que demandava uma logística menos complexa. Alguns ramais articulados aos projetos de assentamento vizinhos à TIY permitiam o acesso ao rio, o que viabilizava a instalação e o transporte de balsas a custos pouco elevados.

Assim, depois de inúmeras operações, logo se atentou para a importância da instalação de uma Base de Proteção Etnoambiental que pudesse exercer o controle sobre o rio. De tal modo, primeiro a Funai construiu a BAPE demarcação com este objetivo, e, anos depois, alterou a posição da mesma, rebatizando-a de Walopali. De lá pra cá, ainda que a BAPE tenha vivido diferentes momentos de investimento do poder público, o

que reflete na sua eficiência, é inegável que ela desempenha um papel importante na proteção da TIY.

À medida que os anos foram se passando, contudo, a logística garimpeira na região foi se orientando para o modal aéreo. Novas pistas foram abertas dentro e fora da Terra Indígena. E, com a diminuição das ações de fiscalização no território, mesmo pistas que antes eram de uso exclusivo do Distrito Sanitário, foram sendo capturadas pela logística garimpeira, como é o caso da pista do Kayanau, na confluência do rio Couto de Magalhães com o Mucajá.



Mapa 2: Pistas de pouso utilizadas pelo garimpo.



Hoje temos mapeadas doze pistas dentro da TIY à serviço do garimpo nessa macrorregião, sem considerar as pistas do Homoxi e do Apiaú. Fora, nas fazendas do entorno, identificamos outras quarenta, mas é possível que este número seja maior<sup>59</sup> (ver anexo 1).

De acordo com as investigações da Polícia Federal, nas fazendas do entorno, além das pistas, um dos grupos associados ao garimpo chegou a manter um tanque de armazenamento de combustível em um terreno limítrofe à Floresta Nacional de Roraima<sup>60</sup>. Sabe-se também que, na mesma zona, na Vila Samaúma, existem hotéis dedicados a pessoas que trabalham na logística garimpeira (em especial pilotos) e postos de gasolina especializados em fornecer combustível para o maquinário utilizado na atividade.

Esse esquema alimentou a destruição de mais de 200 hectares de floresta em 2021, estando a maior parte concentrada no polo-base Kayanau, onde registra-se alguns dos relatos mais comovedores dos impactos do garimpo no território Yanomami.

Ali, a enorme pressão que o garimpo imprime sobre as comunidades têm deixado um terrível rastro de fome, morte e exploração sexual de mulheres indígenas.

Segundo relatam indígenas da região, com o aprofundamento das relações com o garimpo, muitas famílias deixaram de cultivar suas roças e tornaram-se dependentes de trocas desiguais com os garimpeiros. Alguns trabalham como carregadores em troca de pagamento em dinheiro ou ouro para depois comprar nas cantinas dos acampamentos, onde 1 quilo de arroz ou um frango congelado custam 1 grama de ouro ou 400 reais.

<sup>59</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59855502>

<sup>60</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/10/07/pf-faz-operacao-contr-grupo-de-apoio-logistico-aereo-ao-garimpo-na-terra-yanomami-e-justica-bloqueia-r-95-milhoes.ghtml>

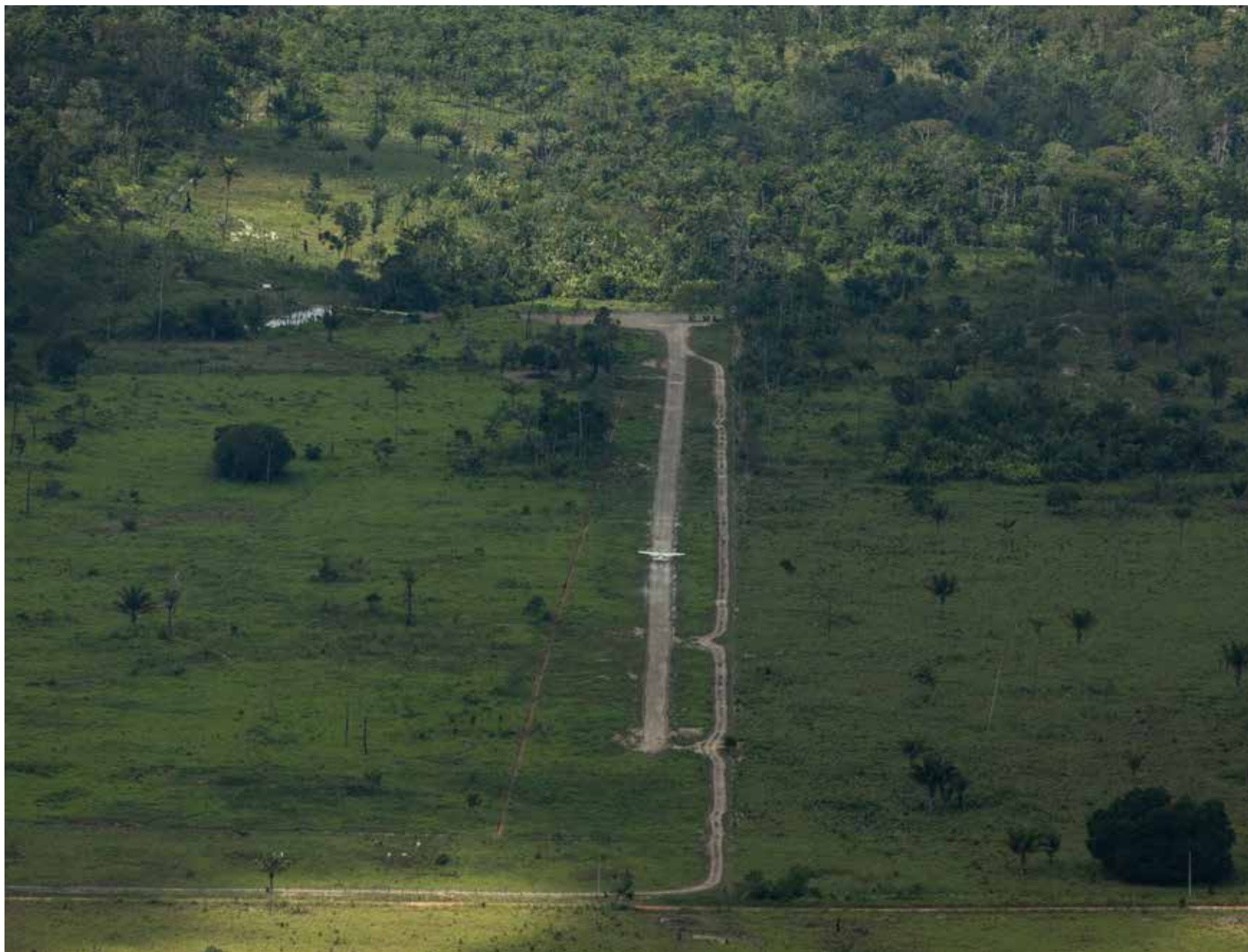


Foto 38:  
Aeródromo  
privado que  
serve a logística  
garimpeira em  
fazenda no  
entorno da TIY.



Há situações também em que os garimpeiros oferecem comida em troca de sexo com adolescentes indígenas, como descreve um dos pesquisadores:

Após os Yanomami solicitarem comida, os garimpeiros rebatem sempre. Quando os [Yanomami] disserem: “Certo, sendo que vocês estão tirando ouro de nossa floresta, vocês devem dar comida para nós sem trocar”, [os garimpeiros respondem:] Vocês não peçam nossa comida à toa! É evidente que você não trouxe sua filha! Somente depois de deitar com tua filha eu irei te dar comida!”. Assim, quando os Yanomami tentam pedir comida, os garimpeiros sempre respondem.

Contudo, outros não atendem os Yanomami, rebatendo apenas: “Eu não tenho comida!”. Após falarem assim, os [garimpeiros] pedem, para as mulheres adultas, suas filhas e também pedem, para os homens velhos, suas filhas. Eles falam assim para os Yanomami: “Se você tiver uma filha e a der para mim, eu vou fazer aterrizar uma grande quantidade de comida que você irá comer! Você se alimentará!”.

Os [garimpeiros] dizem: “Essa moça aqui. Essa tua filha que está aqui, é muito bonita!”. Então, os Yanomami respondem: “É minha filha!”. Quan-

do falam assim, os garimpeiros apalparam as moças. Somente depois de apalpar é que dão um pouco de comida. “Se eu pegar tua filha, não vou mesmo deixar vocês passarem necessidade!”, assim os [garimpeiros] falam muito para os Yanomami.

*Yanomae thëpënë wamotima thëpëha nakahenë, proro pë kuu mahi. “Awej, ipa urihiha maa wama maxi thai kutaenë, wamotima wama thëpë mii pihio puo”. Thëpë kuu tëhë, “Kami yamaki wamotima thëpëha wa mii nakamu puonëmai! Aho thëëho wa nokamapu maonoa! Aho thëëhō ya yakaa parii tëhë, wamotima ya thëpë xirō hipiai!”. Inaha yanomae thëpë mii nakamu puo tëhë, proro pë kuu mahi.*

*Ai pënë yanomae thëpëã huaimi: “Ipa wamotima thëpë kuaimi!”, pë xirō kuu. Thëpëha kunë, thuë pata pëha, kama thëë e thëpë kãe pree wãriihë, wãrō pata thëpëha thëë e thëpë wãrii hwëtiai: “Aho thëëhō a kuo tëhë, kami riha wa pihio tëhë, wamotima ya thëpë wãrōhō mahiha ithomanë, wa thëpë wati-pë! Wa iyatipë!”. Inaha yanomae thëpë noa thaihe.*

*“Hwei thuë moko akakii. Aho thëëhō anë ka kuopi a totihi mahi!”, thëpë kuu. thi tëhë, yanomae thëpëã huo:*

*“Ipa thëëyë a!”. Thëpë kuu tëhë, proro pënë thuë pë hupaihe. Pë hupahenë, wamotima thëpë xirō hipiaihe. “Kami yanë wamaki thëë pë tei tëhë wamaki yai hōrimomaimi!”, inaha yanomae thëpëha, thëpë yai kuu mahio pruu.*

Sobre a abordagem dos garimpeiros em relação às mulheres da comunidade, o pesquisador escreve:

Assim fazem os garimpeiros quando querem ter relações com as mulheres Yanomami. Primeiro lhes entregam um pouco de comida, para fazer com que cesse nelas o medo, para que comecem a se iludir, pensando: “Eles entregaram para mim comida sem razão! Talvez sejam generosos?”. Depois, outra vez, quando a mulher voltar, entregam novamente um pouco de comida. A mulher não pergunta: “Por que você deixa para mim comida, sem outra razão?”. Quando a mulher perdeu o medo, ele a chama por perto. Assim os garimpeiros fazem muito frequentemente com as moças Yanomami.

Eles também entregam para as mulheres perfumes para fazer com que elas se perfumem. Eles dizem [para elas] “Você ande somente depois de se perfumar com este!”. Assim fazem os garimpeiros quando querem ter re-

lações [com as mulheres Yanomami]. Também eles falam assim: “Da próxima vez que você vem, vou comprar uma saia que te entregarei!”. “Irei te entregar também ouro. Com aquele ouro, você poderá pegar aquilo que você gostar! Se você quiser tomar cachaça, eu vou comprar cachaça, se você tomar cachaça”. Assim, depois de ter falado isso para as mulheres Yanomami, os garimpeiros têm relações com elas.

Contudo, as mulheres que têm consciência, não deixam os garimpeiros transarem. Os garimpeiros têm relações somente com as mulheres que tomaram cachaça. Os garimpeiros não conseguem transar com as mulheres que não tomaram cachaça. Somente as mulheres que não temem contrair a doença [da pele], não tem medo, as outras não atendem às insistências [dos garimpeiros]. Assim falam as mulheres Yanomami: “Não... os homens Yanomami estão carentes, por isso, de verdade, não vou fazer transar [os garimpeiros]. Após eu deixar transar os garimpeiros que tem a doença do ouro, eu ficarei alterada!”. Tudo isso é verdade.

*tnaha yanomae thuëpëna wai pihio he tëhë proo pë kuaaihe. Hapa wamotima thëpë hipii parioti he. Pë kirii maamai heha, “Kami riha wamotima*

*thëpëka mii hipia pëkihe! Xi ihete hatho?”, pë pihithamai pariohe. Waiha, ai thë kōō tëhë, thuë a huu kōō tëhë, ai wamotima thëpë hipia kōkii. “Witi thëha kami riha wamotima wa thëpë mii hipii paa puo tha?”, thuë pë kui-mi. A kiriiha maprarinë, thuë a nakaa ahetea xoari. tnaha yanomae moko pëha proro pë kuaai mahio pru.*

*Thuë përia riërimomamuwii thëpë pree hipiai he. “Ei thëpënë wa riaha riërimamonë, wa yai huu!”, e pë kuu. Proro pë wamu pihio tëhë tnaha thë thai he. “Waiha wa huu kōimai tëhë aho saya yakihä tërinë, yakii hipiai!”, e pë kuu hwëti. “Maa ya maxi kãe pree hipiai. thi maa maxiha, kaho wanë wa thëpë peximaiwi wa thëpë tëapë! Yaraka wa uku kōai pihio, ya uku pree tej, yaraka wa upë kōai tai tëhë”. tnaha proro pënë yanomae thuë pë noaha thahenë pë wamu.*

*Makii, ai thuëpë möyämëwinë pë wamomaimihe. Yaraka upë kōaiwihii pëha, proro pë xirō wamu. Yaraka upë kōai tai maowihii pëha, proro pë wamoimi. Ai thuë pë warasi pëi nëhë hōrio maowi, pë xirō kiriiimi, ai thuë pëã huoimi. “Ma... yanomae wãrō thëpë hōri yaro, ya thëpë wamomai paxioimi. Proro pë maa maxi pëowi, ya pëha wamomanë, ya poremu!”. tnaha yanomae thuë pë kuu. Peheti thëã.*

Como fica evidente neste trecho e no que será apresentado abaixo, a oferta de bebidas alcoólicas é uma das principais estratégias dos garimpeiros para aliciar os jovens e abusar de adolescentes do sexo feminino.

Os garimpeiros fazem perguntas para os jovens que levam juntos suas irmãs. Assim pergunta para os Yanomami: “Aquela moça que você levou consigo, é sua irmã?”. Então os Yanomami respondem: “É minha irmã!”. Depois dos Yanomami disserem assim, deixam os garimpeiros informados.

Por isso, [continuam pedindo:] “O que você pensa a respeito de sua irmã? Se você fizer deitar sua irmã comigo, sendo que você é o irmão dela, eu vou pagar para você 5 gramas [de ouro]. Faça o que eu digo! Se você quiser cachaça, eu vou dar também cachaça. Você vai ficar bêbado na sua casa!”. Falam assim para os Yanomami, por isso, têm relações com as mulheres. Induzem os Yanomami a fazer isso.

*Hiya thëpënë kama yau e thëpë kãeha huhenë, e pë wãrii he. Hapënahä, yanomae thëpëha e thëpë kuu. “Hwei thuë waka nokamapore aho yauhu a tha?”, e thëpë kuu. thi tëhë, yanomae thëpëã ha huonë:*



*“Ipa osema a!”. Inaha yanomae thëpëha kunë, proro pë pihi xaari pramai he.*

*Kuë yaro epë: “Winaha aho thuërima eha, wa pihi kuu kura?”. E pë: “Kami riha, aho thuërima wa yakamapii tëhë, kaho wārōrima wa eha 5 grama aha, ya anë kōamai kutaenë. Warea yai hurii! Yaraka wa uku pree peximai tëhë, ya uku hīpiai. Aho yanoha wa poremo!”. Inaha yanomae thëpë noa thaihe yaro, thuë thëpë na waihe. Inaha Yanomae thëpënë thë thaamai he.*

Na visão da maioria das mulheres indígenas, os garimpeiros representam, pois uma terrível ameaça. São luxuriosos e violentos, produzindo um clima de terror e angústia permanente nas aldeias. Assim registra uma pesquisadora indígena a partir de uma entrevista com outra mulher Yanomami:

*Os garimpeiros têm sempre uma louca vontade de transar. Quando as pessoas disseram que eles se aproximavam, eu fiquei com medo. Por isso, desde que ouço falar dos garimpeiros, eu vivo com angústia. Minha mãe disse que eles se cortam, as crianças ficam de olhos esbarrados de medo, porque não se dão conta que estão sofrendo. Quando as notícias [sobre os garimpeiros] chegaram por per-*

*to... após eu também pensar assim [como minha mãe], fiquei esclarecida. Quando minha mãe e minha irmã maior falaram sobre essa gente eu me convenci: “É assim que essa gente faz!”.*

*Garimpeiro thëpë pata pexinë kiriai thare. Thëpë pata yai hwarayu tëhë, thëpë kuuha kuikinë, ya kirihuruma. Kuë yaro thëpëãha thaihe tëhë, yutu ya mia kãe pirio. Oxe thëpë mamukunë ohotaaia, thëpë maniiheha, inaha nae ã thamai kurahe, pë pihi kuimi në ohotaaia yaro, thëpëã pata ahetehamë yaiariheha, ya pihi preeha kurunë, ya pihi xarirohuruma. Nae anë, ipa hepara pataowinë thëpëãha thanë, ya pihi raturuma: “Inaha thëpë pata kanë kuaiwi!”.*

A transmissão de Doenças Sexualmente Transmissíveis é outro tema comum nos relatos sobre a situação de violência contra as mulheres, como demonstra o relato abaixo coletado por uma pesquisadora em outra região da TIY:

*Anteriormente, as mulheres Yanomami não tinham a doença do abdômen. De fato, os homens tampouco estavam doentes, por isso as pessoas estavam com saúde. Portanto, nós Yanomami não conhecíamos essas doenças “warasi” que deixam lesões*

*na pele, quando as mulheres não sofriam de sangramentos. Agora, depois que os garimpeiros catadores de ouro, por causa do veneno da cachaça, começaram a ter relações com as mulheres, aprendemos o nome desta doença.*

De fato, as pessoas agora pensam: “Depois que os garimpeiros que cobiçam o ouro, estragaram as vaginas das mulheres, fizeram elas adoecer. Por isso, agora, as mulheres estão acabando, por causa da letalidade dessa doença. Estão transando muito com as mulheres. É tanto assim que, em 2020, três moças, que tinham apenas por volta de 13 anos, morreram.

*Os garimpeiros estupraram muito essas moças, embriagadas de cachaça. Elas eram novas, tendo apenas tido a primeira menstruação. Após os garimpeiros terem provocado a morte dessas moças, os Yanomami protestaram contra os garimpeiros, que se afastaram um pouco. As lideranças disseram para eles que estando tão próximos, se comportam muito mal. Por isso, outros Yanomami os apelidam de “letalidade da malária”.*

*Eles são mesmo ruins, são portadores de epidemias por causa das quais morremos. Eles insistem em comer*

nossas vaginas, disso temos medo e nossos anciãos falam. Eu escuto as palavras de nossas lideranças, por isso eu tenho consciência, não sou irresponsável, por isso estou angustiada.

*Yutuha yanomae thuëpë xithëmaki ninianimi. Wãrõ thëpë pree ninianimi yaro, totihi thëpë pirioma. Kuë yaro yanomae yamakinë warasiaha tanimihe, thuë pë iyë hwaai mao tëhë. Hwei tëhë, maamaxi thatima pënë yaraka upë waiha, thuë pëna waapraiha kuikihenë, wara yama siãha hirirema.*

*“Maamaxi pë peximia pratima pënë, thuë pënahã hõximararihenë, xawara pë wai pou mahita”, thëpë pihi kuu yaro. Kuë yaro hwei tëhë warasi a wainë thuë pë maai matayu. Thuë pë na wai mahi he. Inaha kuë yaro 2020 raxa kikiha, 3 thuë moko pë nomamaremahe, 13 anos pë pata he wëo xirõõwii.*

*Proro pënë, yaraka upë waiha, pëna wai mahioma yarohe. Pë yipimoa tuterayuwi thëpë kuoma. thi proro pënë moko thëpë nomamari henë, yanomae thëpënë proro pë noa rahuamai ha kuiki henë, pë wãisipë praharayoma. Inaha thëpë ahete kuotii tëhë, thëpënë mõhoti kuoti pë, pata yanomae thëpë noa thayuha kuikinë. Inaha kuë yaro ai yanomae thëpënë hura pëãha wai hiraihe.*

*Thëpë yai hoximi yaro, thëpënë xawarapë, yamaki nomarayuu. Yamaki na wããrihe, ei thëha yamakiha kirinë, pata yamakiã. Pata ya thëpëã yai hirii hwëti yaro, kami ya pihi moyamë, pihi mohotiimi, kuë yaro, ya kirii.*





Foto 39:  
Garimpo no  
rio Couto  
Magalhães, TIY.



Foto 40:  
Garimpo no  
rio Couto  
Magalhães, TIY.



Os indicadores de saúde do Kayanau são dramáticos, o polo ficou entre os cinco piores em casos de desnutrição infantil considerando os anos de 2019, 2020 e 2021, e é o sétimo no ranking de Malária. De 2019 até aqui, já morreram quatro crianças por desnutrição, um adolescente por malária e sete pessoas por agressão, sendo três por disparo de arma de fogo<sup>61</sup>.

A destruição do Kayanau tem se espalhado em todas as direções. Rio acima o garimpo atinge os polos Papiu e Hakoma e rio abaixo as comunidades do polo Alto Mucajaí. No Papiu, há dois eixos, um que é praticamente uma extensão da exploração no rio Couto Magalhães, e outro que rasga a serra que separa o Couto-Magalhães do Mucajaí, atingindo o polo do Hakoma. Nesse último, outra morte que conjugou malária e falta de assistência médica foi denunciada pelo CONDISI em 2021<sup>62</sup>.

No alto Mucajaí, além do garimpo de barranco ocorrem também algumas balsas. A exploração se concentra, porém, na porção oeste do polo, que está mais distante da Bape Walopali, e sofre influência do garimpo em Kayanau.

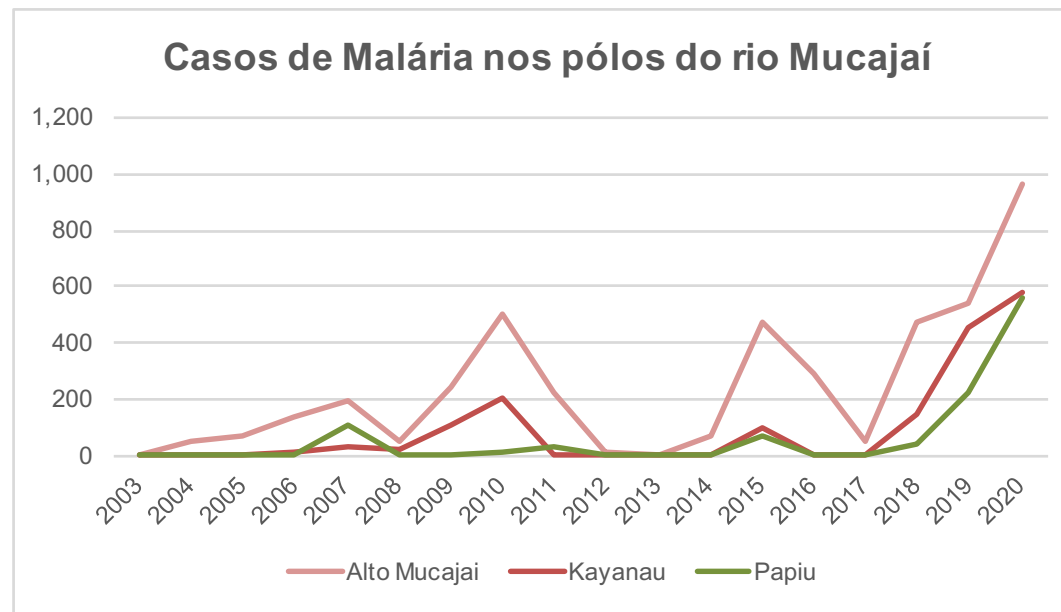


Gráfico 5: Evolução dos casos de malária nos polos do rio Mucajaí afetados pelo garimpo.

Fonte: Sivep-Malária.

Um dado preocupante no Alto Mucajaí é a aproximação das cicatrizes de algumas comunidades. No caso da comunidade Uxiu, o canteiro fica do outro lado do rio. Há relatos de que nessa área existe uma grande pressão sobre os jovens para que eles colaborem com a logística do garimpo, o que seria uma forma de "driblar" a ação da Base no controle do fluxo de insumos.

Um morador da região denunciou, por exemplo, que o fazendeiro que controla o principal porto que dá acesso ao rio, ali-

cia indígenas oferecendo descontos na sua cantina, enquanto intimida aqueles que se posicionam publicamente contra o garimpo. Segundo a denúncia, o fazendeiro trabalhou por anos em garimpos no rio Uraricoera, de onde foi expulso por desentendimentos com os outros garimpeiros. Desde então, migrou para o rio Mucajaí, onde se especializou em serviços de suporte ao garimpo, como transporte de combustível e outros insumos. Ele também lucra cobrando pelo uso do porto, cerca de 1g de ouro ou R\$ 400,00 por passagem.

<sup>61</sup> Dados do Siasi, acessados via Lei de Acesso à Informação.

<sup>62</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/11/04/adolescente-yanomami-em-estado-grave-de-malaria-morre-por-negligencia-afirma-conselho.ghtml>



Foto 41:  
Comunidade  
Thothomapi,  
Kayanau.





Foto 42:  
Garimpo  
em frente à  
comunidade  
Uxiu, na região  
do Alto Mucajaí.  
Mesmo com a  
manutenção da  
BAPE Walopali,  
rio acima  
a atividade  
garimpeira  
permanece  
intensa.



Foto 43:  
Porto que dá  
acesso ao  
rio Mucajáí.



## RIO APIAÚ



O garimpo circunscrito ao Polo-Base Apiaú está localizado na cabeceira do rio homônimo e no alto curso do seu afluente, rio Novo. As comunidades atendidas neste polo estão localizadas rio abaixo, já no limite da TIY. Apesar de estarem relativamente distantes dos canteiros, sofrem com os impactos da atividade sobre o rio (assoreamento e contaminação) e com o assédio dos garimpeiros que por vezes passam pelas comunidades para acessar a zona de exploração.

Moradores do Apiaú relataram à Huktara, por exemplo, cenas de abuso sexual de mulheres indígenas muito próximas às descritas no Kayanau. De acordo com a denúncia, um garimpeiro que trabalha na região certa vez ofereceu drogas e bebidas aos indígenas, e quando todos já estavam bêbados e inertes, estuprou uma das crianças da comunidade.

A situação de vulnerabilidade social a que a comunidade foi submetida despontou em um conflito entre um indígena e o garimpeiro no dia 10 de outubro, que resultou na morte deste. Desde então, as lideranças escutam de outros garimpeiros perguntas sobre o paradeiro do indígena envolvido no conflito, dizendo que irão matá-lo, e temem retaliações contra a comunidade. Pelo menos outros quatro garimpeiros dormem na comunidade, armados com pistolas e espingardas, e não querem ir embora “porque ficaram acostumados”.

Ainda de acordo com os moradores, a oferta frequente de bebidas alcoólicas e drogas trazidas pelos garimpeiros

deixam as comunidades vulneráveis a toda sorte de abusos. São vários os casos de estupros e assédio de crianças e mulheres. Em um deles, conta-se de um “casamento” arranjado de uma adolescente Yanomami com um garimpeiro mediante a promessa de pagamento de mercadoria, que nunca foi cumprida. Os moradores dão conta ainda que os garimpeiros andam armados, e por isso os indígenas já não oferecem resistência aos assédios porque têm medo de serem atacados.

A cabeceira do Apiaú é também território do grupo em isolamento voluntário conhecido como Moxihatëtëma.

Até recentemente os isolados viviam em uma casa-coletiva com dezessete seções familiares, e por isso estimava-se a sua população em torno de 80 pessoas. Em 2021, identificamos em imagens satélite (CBERS 4) a existência de uma outra casa, de tamanho semelhante. Não se sabe se a segunda casa indica um aumento da comunidade que agora deve habitar as duas residências, ou se a antiga casa foi abandonada.



Foto 44:  
Garimpo  
no rio Apiaú.





Imagem 5:  
Nova casa dos  
moxihatëtëma  
registrada pelo  
satélite CBERS-4,  
composição  
colorida RGB.

A segunda hipótese baseia-se no fato de que o garimpo vinha se aproximando perigosamente da residência monitorada. Há pistas e canteiros a menos de 14 km dela. Da mesma forma existem relatos de conflitos entre garimpeiros e guerreiros moxihatëtêma, com mortes de ambos os lados. O primeiro conflito data de 2019. Ele foi relatado à Hutukara por professores yanomami do Alto Catrimani. De acordo com os professores, dois caçadores moxihatëtêma haviam sido mortos com tiros de espingardas após terem defendido com flechas seus roçados de uma tentativa de roubo por parte dos garimpeiros. Na ocasião, a HAY informou os órgãos competentes, mas não obteve respostas sobre uma eventual investigação.

O segundo conflito recente é de 2021<sup>63</sup>. Segundo indígenas do Apiaú, em agosto, guerreiros Moxihatëtêma se aproximaram do garimpo conhecido como “Faixa Preta”, localizado no alto rio Apiaú. A intenção dos Moxihatëtêma teria sido expulsar os invasores do seu território, mas, durante o acercamento, os grupos entraram em confronto. Os isolados acertaram três garimpeiros com flechas, e os garimpeiros mataram três

Moxihatëtêma com armas de fogo. Uma das flechas atiradas pelos guerreiros Moxihatëtêma foi recolhida por um jovem indígena da região do alto Mucajai que frequentava o garimpo na ocasião, e testemunhou o episódio.

Devido à alta vulnerabilidade epidemiológica dos isolados, a possibilidade de um contato forçado desse grupo com os garimpeiros é uma das questões mais preocupantes no contexto da invasão à TIY, e, por esse motivo, deve ser uma das zonas prioritárias para as ações de combate ao garimpo. A HAY vem insistentemente informando os órgãos competentes sobre a elevada pressão em que se encontram os Moxihatëtêma com o avanço do garimpo nas regiões da Serra da Estrutura, Couto Magalhães, Apiaú e alto Catrimani, com elevado risco de confrontos violentos que podem resultar no extermínio do grupo. No entanto, o que tem sido feito tem produzido pouco resultado, como as fotos do sobrevoo de janeiro comprovam.

Existe uma Base de Proteção da Funai que é dedicada ao monitoramento da situação dos grupos em isolamento. A chamada BAPE da Serra da Estrutu-

ra, que apenas recentemente voltou a funcionar por determinação judicial. A sua presença, porém, torna-se quase que irrelevante se ela não estiver associada a ações de fiscalização regulares nos focos de exploração que circundam os Moxihatëtêma. Temos notícias, por exemplo, de que mesmo com a presença de servidores no local, helicópteros e aeronaves do garimpo continuam pousando na pista da BAPE para abastecer, sem que nenhuma ação de repressão seja realizada.

<sup>63</sup> [https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/associacao-yanomami-pede-investigacao-apos-denuncia-de-mortes-de-indigenas-isolados?utm\\_source=isa&utm\\_medium=manchetes&utm\\_campaign=](https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/associacao-yanomami-pede-investigacao-apos-denuncia-de-mortes-de-indigenas-isolados?utm_source=isa&utm_medium=manchetes&utm_campaign=)





Foto 45:  
Acampamento  
garimpeiro  
ativo próximo  
ao território dos  
isolados.





Foto 46:  
Garimpo  
no rio Novo,  
Apiáú, TIY.



## RIO CATRIMANI (ALTO CATRIMANI E MISSÃO CATRIMANI)



No rio Catrimani pelo menos quatro zonas estão sob a influência do garimpo, são elas:

- i) cabeceira do Catrimani;
- ii) alto curso do rio próximo à Serra da Estrutura;
- iii) encontro com o rio Lobo d'Almada;
- iv) Médio Catrimani.

A zona de cabeceira é aquela que concentra as maiores cicatrizes, associadas a cinco pistas de pouso clandestinas, sendo a maior delas a pista do capixaba. Nesta, também estão localizados os maiores acampamentos e estruturas de apoio ao garimpo na região, como bares, mercearias e prostíbulos.

Sabe-se pela imprensa da ocorrência de operações no entorno da pista do capixaba no primeiro e no segundo semestre. Ainda assim, nota-se muito pouca alteração no tamanho e no padrão dos acampamentos, comparando as fotos do sobrevoo de abril de 2020<sup>64</sup> e as fotos de janeiro de 2020.

Como nas demais regiões, as ações de repressão se limitaram a diligências pontuais, que tiveram sua efetividade comprometida pela ausência do fator surpresa, entre outros motivos já comentados acima.

Assim como no exemplo de Auaris, onde a estrutura logística do garimpo no Brasil dá suporte à exploração no território venezuelano, no Alto Catrimani há fortes indícios de que parte das pistas clandestinas no lado brasileiro estejam funcionando para apoiar a exploração no alto curso do rio Orinoco.

A imagem abaixo (de novembro de 2021) ilustra o atual estágio de destruição do leito do alto Orinoco.

<sup>64</sup> <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/sistema-de-monitoramento-do-garimpo-ilegal-na-ti-yanomami-relatorio-do-primeiro>



Foto 47:  
Garimpo na  
cabeceira do  
Catrimani.





Foto 48:  
Corrutela  
na pista do  
capixaba.



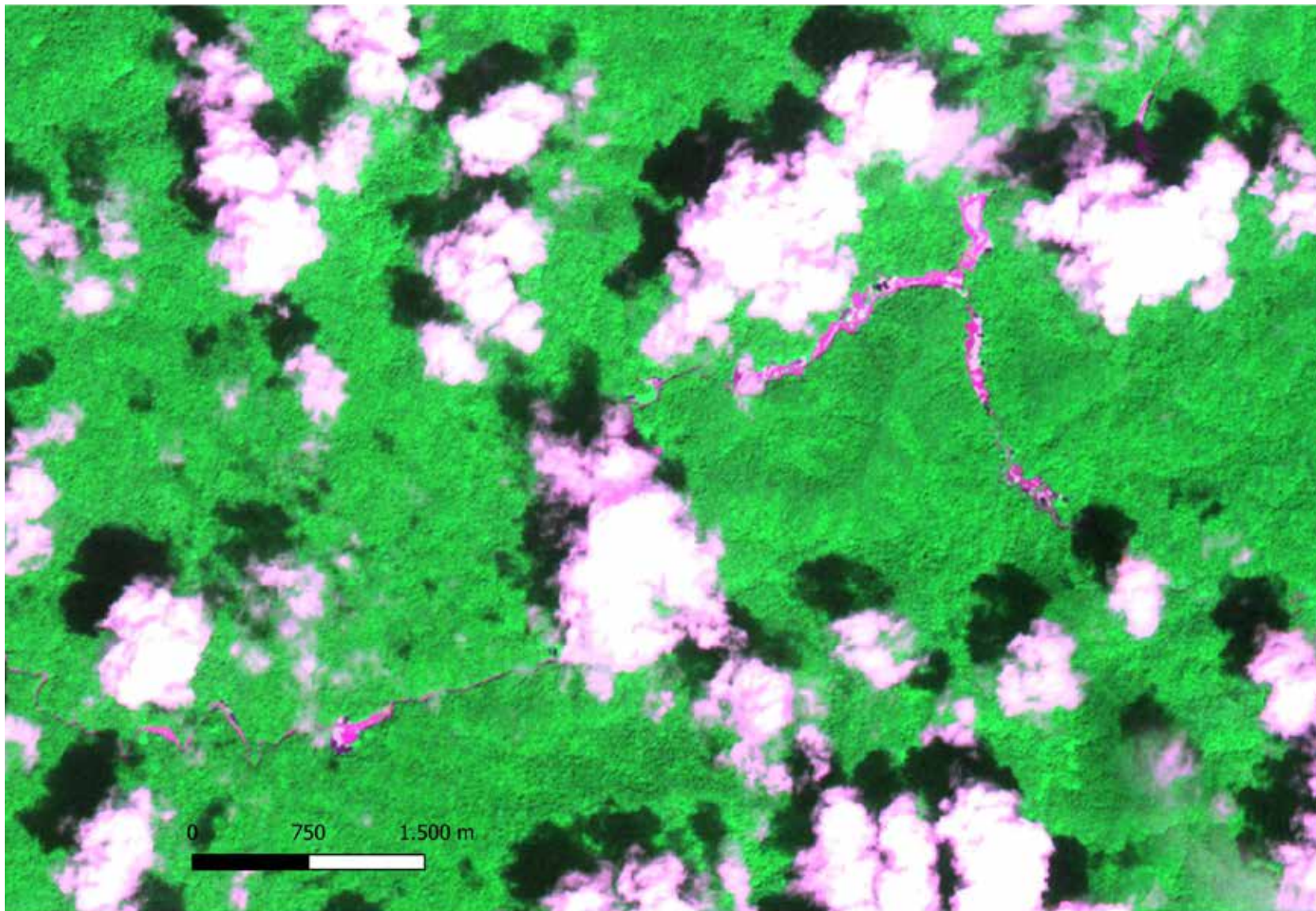


Imagem 6:  
Garimpo no  
alto rio Orinoco  
em território  
venezuelano,  
no Mosaico do  
Sentinel 2.



À época do massacre de Haximu, o modo de operação do garimpo na região seguia o mesmo formato do atual: garimpeiros brasileiros explorando ouro no país vizinho através de uma rede logística baseada em Boa Vista. Em anos recentes, a operação Xawara denunciou Pedro Emiliano Garcia, um dos condenados pelo genocídio de Haximu, por manter a exploração da mesma zona, décadas após o massacre. Nessa esteira, é possível que a atual operação tenha como responsáveis as mesmas pessoas que outrora foram condenadas por genocídio por assassinar a sangue frio velhos, mulheres e crianças na aldeia que dá nome ao episódio. Em 2021, Pedro Emiliano Garcia foi preso em flagrante pela Polícia Federal com 2kg de ouro retirados ilegalmente da TIY<sup>65</sup>.

Descendo o rio Catrimani, mas ainda no seu alto curso, há outra importante concentração de canteiros margeando o rio. Apesar de estar localizada mais próxima ao conjunto de comunidades do Alto Catrimani, parece haver ali uma tendência à expansão da estrutura, com abertura de novas pistas e desmatamentos recentes.

Nessa zona, o garimpo se espalha em duas direções, ao longo do rio principal e nas encostas da serra que divide as bacias do Couto Magalhães e Catrimani, nas proximidades do território dos isolados Moxihatëtëma.

<sup>65</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2020/07/03/condenado-por-genocidio-de-indios-dono-de-garimpo-ilegal-na-terra-yanomami-e-preso-com-ouro-em-rr.ghtml>



Foto 49:  
Garimpo  
margeando o  
rio Catrimani.



A terceira zona, no vale do rio Lobo d'Almada, aparenta uma menor movimentação. Há meses que as cicatrizes ali mapeadas não apresentam alterações significativas.

Finalmente, já na área do polo Missão Catrimani, o que chamamos de quarta zona, refere-se aos desmatamentos na altura da cachoeira do Puraquê e às balsas que se movimentam abaixo do conjunto de comunidades localizadas em torno da Missão. Não é possível identificar a presença das dragas nos satélites, mas os Yanomami dessa região recorrentemente enviam denúncias à Hutukara informando sobre a circulação dos garimpeiros. A notícia de apreensão de insumos do garimpo em Caracaraí que tinham como destino o Catrimani<sup>66</sup>, também reforça a queixa dos Yanomami.

No Médio Catrimani as notícias sobre uma nova invasão chegaram logo no início da pandemia, mas a resistência das lideranças, especialmente femininas, têm conseguido até agora frear o avanço dos garimpeiros. Em conversas com essas mulheres, uma das pesquisadoras indígenas registrou a inquietação e a percepção delas sobre a ameaça que as cerca:

*Certo, nós estamos muito preocupados, pois eles verdadeiramente contaminam a floresta. A floresta se torna infestada pelos carapanãs, reduzida a um lamaçal. Eu não quero que nós morramos por causa dos garimpeiros que destroem nossa floresta. Não queremos morrer por causa das doenças letais dos garimpeiros. Por causa das águas contaminadas do rio, nossos ouvidos adoecem. Não queremos a agressão letal da malária. Por isso, nós não queremos deixar os garimpeiros se aproximarem.*

*Não queremos que nossos maridos sejam mortos pelos garimpeiros, depois que se instalem nas proximidades. Em outras regiões, têm [Ya-*

*nomami] que já estão sofrendo dramaticamente de fome, mas eu não quero sofrer a fome. Não quero morrer de fome. Eu quero morrer simplesmente de velhice, sem outras causas. Não adoecer e sofrer por causa dos seus pênis. Eu quero morrer como uma mulher idosa.*

*Awei, urihi pë pata peheti xamiamai yarohe, kami yamaki xuhurumuu mahi. Thë urihi riopë, urihi thë ahi. Garimpeiro pënë yamaki urhipë pehe yapëkai mahi yarohe, yamaki nomarayuuii ya thë peximaimi. Garimpeiro thë wainë yamaki noma-pruwii yama thë peximaimi. Mau upë pata uxi-uxinë, yamaki yëmëkaki nenii. Hura yama a wai peximaimi. Kuë yaro garimpeiro yama pë xiro aheta-mai pihioimi.*

*Garimpeiro yama pëha ahete-makinë, yamaki heãropë xëpramora-yuwii thë mii yaro. Ai thë urihiamë thëpëã ohinë oho taai mahia hikia yaro, ya ohimamuu pihioimi. Yaha ohumamorinë ya ohi nomamamuu pihioimi. Yami ya wara pata nomai xaario pihio yaro. Napë wamaki mo-xinë yaha nomamamorinë, yanë oho taamamuu pihioimi. Yami ya xaari thua pata nomai xaario pihio.*

<sup>66</sup> <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/03/28/grupo-e-presos-com-combustivel-e-detector-de-metal-que-seria-levado-a-garimpo-no-rio-catrimani-em-rr.ghtml>

## ERICÓ



O Garimpo registrado aqui como circunscrito ao polo-base Ericó, na verdade está localizado distante das comunidades em um afluente do alto rio Amajari, bem próximo à fronteira com a Venezuela.

Trata-se de uma pista clandestina cercada por cicatrizes que pouco se alteraram nesse ano (ver mapa 2). O mais provável é que o local seja mais utilizado como ponto logístico para movimentar minério e mercadorias ilegalmente na fronteira. Do outro lado do limite, no território venezuelano, por exemplo, pode-se observar cicatrizes gigantescas ao longo do rio Icabarú, afluente do Caroni. Uma das mais intensas zonas de garimpo do estado Bolívar, também repleta de pistas clandestinas<sup>67</sup>.

No rio Uraricaá, por sua vez, onde estão localizadas as comunidades Xiriana (Yanomami), apesar de não registrarmos nenhum desmatamento associado ao garimpo dentro da Terra Indígena, bem próximo ao limite há a presença de uma pista clandestina, conhecida como pista do Robertinho, e diversas cicatrizes (não computadas no nosso cálculo). Este trecho está situado entre a TIY e a Estação Ecológica de Maracá, sendo terras públicas sem destinação, apesar da sua sensibilidade socioecológica. Desde 1996, a área foi incluída na proposta de ampliação da Esec. Mas, devido a interferências políticas regionais, este processo tem enfrentado resistências e está paralisado.

<sup>67</sup> <https://elpais.com/internacional/2022-01-30/las-pistas-clandestinas-que-bullen-en-la-selva-venezolana.html>





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### VIOLAÇÕES AOS DIREITOS DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS NA TIY

Um dos efeitos diretos mais dramáticos observados com o continuado avanço da exploração da TIY pelo garimpo é o aumento das ameaças (em frequência e grau) à segurança das diferentes comunidades e lideranças que se opõem publicamente à atividade na Terra Indígena.

À medida que os núcleos garimpeiros ilegais se proliferam e crescem nas diferentes regiões da TIY, as comunidades vizinhas sentem a perda do “controle” sobre o seu espaço de vida. Isto porque a insegurança os dissuade de circular pela região, seja em razão de ameaças explícitas de garimpeiros contra suas vidas, seja em razão da simples presença hostil de não-indígenas. É recorrente a queixa de lideranças sobre a intensa circulação de garimpeiros fortemente armados e as consequentes intimidações para que os indígenas coadunem com as condições impostas pelos invasores. Em muitos relatos, os membros das comunidades disseram sofrer com a restrição a seu livre trânsito na Terra Indígena, deixando de usufruir de áreas utilizadas para a caça, pesca, roça, e da comunicação terrestre e aquática com as comunidades do mesmo conjunto multicomunitário.

Ao lado das graves ameaças à vida e à segurança pessoal dos indígenas, a verificada intensificação do garimpo ilegal na TIY representa uma ofensa ao direito dos povos indígenas à posse permanente de sua terra tradicional, ao usufruto exclusivo das mesmas, e à manutenção e reprodução de seus modos de vida tradicional. Isto é, na medida em que as comunidades afetadas, na prática, percebem que têm reduzidas as áreas que podem aproveitar livremente para suas atividades cotidianas.

A isto, associam-se outras graves violações de direitos fundamentais dos povos afetados. Por exemplo, a lesão aos direitos ao meio ambiente adequado e ao acesso à água potável, resultado da acumulação dos impactos socioambientais constatados neste relatório. Também, graves restrições ao exercício do direito à alimentação adequada pelas comunidades indígenas, na medida em que a referida restrição ao aproveitamento de seu território tradicional impede o pleno funcionamento do seu sistema produtivo.



Merecem destaque os prejuízos causados pelo garimpo ilegal ao direito à saúde dos indígenas. Como demonstrado, a atividade garimpeira ilegal está associada à maior incidência de doenças infectocontagiosas entre as comunidades indígenas, em especial a malária. Ademais, vale lembrar que a atividade garimpeira está diretamente associada à contaminação de mercúrio, com danos irreversíveis à sua saúde das pessoas das comunidades afetadas. Há notícias de uma maior incidência de doenças neurológicas entre recém-nascidos nas comunidades Yanomami, mas estas não passaram por um diagnóstico de contaminação de mercúrio apesar de haver orientação normativa nesse sentido.

Além disso, a situação de insegurança generalizada imposta pelo aumento da circulação de garimpeiros armados nas diferentes regiões da TIY tem causado transtornos ao atendimento à saúde às comunidades indígenas, com o total abandono de postos de saúde em alguns casos (a exemplo de Palimiu) e, inclusive, a ocupação das pistas comunitárias para a operação e abastecimento do garimpo (a exemplo de Homoxi). Também é comum a queixa do desvio de medicamentos reservados para os indígenas para atendimento de garimpeiros. Esses fatores potencializam os danos que resultam da desestruturação e má-gestão do atendimento à saúde indígena realizado pelo Distrito Sanitário Especial Indígena Yanomami. Durante a realização do II Fórum de Lideranças da TIY, o Presidente do Conselho Distrital de Saúde Yanomami constatou que a saúde Yanomami entrou em colapso.

## AS RESPOSTAS (INSUFICIENTES) DO ESTADO

Um conjunto de operações foi deflagrado pela Polícia Federal ao longo de 2021 como resposta à crescente onda de ilegalidades associadas ao garimpo no estado de Roraima. Em boa medida, a executabilidade destas operações foi garantida por meio de decisões judiciais que caracterizaram o dever constitucional do Estado brasileiro de agir para proteger as vidas indígenas e garantir a proteção territorial a suas terras, no contexto da pandemia de COVID-19. Isto é dizer, sem esse respaldo judicial as operações teriam restado inviabilizadas por falta de disponibilização de orçamento, pessoal, ou material, apesar da nítida urgência de ações para controlar o garimpo na TIY.

Relevantes nesse sentido foram decisões proferidas no âmbito da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental 709, e na Ação Civil Pública 1001973-17.2020.4.01.4200. O deferimento de um pedido de tutela incidental, naquela, e da antecipação de tutela e indicação de um plano de ação integrada, nesta, garantiram a adoção de medidas para controlar a expansão dos núcleos garimpeiros, especialmente após a eclosão de conflitos armados contra indígenas do Palimiu e a constatação de que o crime organizado já vinha associado ao garimpo. Nos dois casos, o cumprimento das respectivas decisões seguem em segredo de justiça, de modo que há poucas informações públicas disponíveis para avaliar a adequação das medidas adotadas.

Enquanto bem vindas e urgentes, os dados sobre o desmatamento do garimpo na TIY observados e os relatos das comunidades apontam que as operações ainda não atingiram o efeito desejado para efetivamente coibir a atividade ilegal e garantir a proteção territorial da TIY contra invasores. Por outro lado, embora tenham sido divulgados avanços importantes para o controle da comercialização clandestina de combustível, na investigação de empresários ligados à atividade garimpeira ilegal, e na inutilização e apreensão de aeronaves utilizadas no garimpo ilegal, esses resultados podem ser comprometidos uma vez que os resultados das investigações chegam ao Judiciário por motivos escusos. Exemplifique-se, após a apreensão recorde de aeronaves de empresários roraimenses que eram sabidamente utilizadas para apoio logístico aos garimpos ilegais da Terra Indígena Yanomami, esses têm tido logro em reverter a apreensão a partir de decisões controversas proferidas por juízes aliados políticos de garimpeiros<sup>68</sup>.

<sup>68</sup> <https://reporterbrasil.org.br/2021/06/200-mil-reais-por-semana-como-funciona-o-mercado-de-aeronaves-que-apoia-o-garimpo-ilegal-na-ti-yanomami/> ; [https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/01/juiza-aliada-do-cla-bolsonaro-libera-aeronaves-suspeitas-de-atuacao-em-garimpo.shtml?utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=compwa](https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/01/juiza-aliada-do-cla-bolsonaro-libera-aeronaves-suspeitas-de-atuacao-em-garimpo.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa) ; <https://folhaby.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Justica-Federal-libera-helicopteros-apreendidos-durante-acao-da-PF/80709> ;



## RECOMENDAÇÕES

Ao contrário do que afirmam aqueles que têm interesse em promover a extração de ouro na TIY, o garimpo não é um problema sem solução. O assédio ao território e ao povo Yanomami pode ser controlado a partir de um conjunto de ações para assegurar seus direitos, mas que exigem vontade política para garantir uma atuação eficiente e coordenada do Estado e a articulação entre os órgãos e agentes responsáveis.

O primeiro ponto para o controle do garimpo ilegal na TIY é, obviamente, o desenvolvimento e a retomada de uma estratégia de Proteção Territorial consistente, capaz de deflagrar operações regulares de desmantelamento dos focos de garimpo e a manutenção das Bases de Proteção Etnoambientais nos locais estratégicos. Nomeadamente: 1) o pleno funcionamento da BAPE Walopali, que controla o acesso ao rio Mucajá; da BAPE Serra da Estrutura, que controla a pista do “botinha” e garante a autonomia do grupo em isolamento voluntário “Moxihatëtëma”; e da BAPE Ajarani, que controla o acesso na TIY pela Perimetral Norte; 2) a reativação da BAPE Korekorema que controla o fluxo no rio Uraricoera; e 3) a criação de ao menos três novas bases, sendo uma na confluência Igarapé Ingarana com o rio Apiaú, outra na região do Baixo Catrimani, e uma terceira no rio Uraricaá, com a finalidade de monitorar a movimentação nestes rios.

A operação das BAPes deve contar com o apoio dos Yanomami que vivem nas regiões afetadas, que podem e devem ser capacitados e remunerados para atuarem na vigilância e proteção do seu território, bem como para auxiliarem na obtenção de informações relevantes aos órgãos competentes pela fiscalização das atividades ilícitas associadas ao garimpo. É importante sublinhar que a vigilância indígena deve ser compreendida como complementar e não substituta às ações de fiscalização que são de responsabilidade do Estado e seus órgãos de comando e controle.

A instalação das bases listadas depende, contudo, de operações de extrusão e repressão à atividade ilegal nas zonas atualmente impactadas. As operações devem: (i) inutilizar as pistas de pouso clandestinas e as aeronaves apreendidas, (ii) garantir a reocupação dos postos de saúde e pistas de voo comunitárias que hoje se encontram sob controle dos garimpeiros, como os casos de Homoxi, Arathau, Parafuri, e Kayanau; (iii) promover a destruição total do maquinário utilizado na extração de ouro com o objetivo de impedir a rápida retomada da exploração, (iv) atuar rotineiramente, adaptando as áreas prioritárias com base em informações atualizadas sobre o avanço da atividade nas diferentes regiões da TIY. Conjuntamente, e sem prejuízo de estratégias auxiliares, estas ações devem dar conta de impedir a rápida rearticulação dos focos de garimpo desmantelados e, assim, descapitalizar os empresários que fomentam o crime no território Yanomami. Paralelamente, é fundamental avançar na fiscalização permanente de aeródromos privados situados nos arredores da TI Yanomami que funcionam como centros de distribuição logística do garimpo ilegal, e a fiscalização dos postos que comercializam combustível de avião.

O papel complementar de agências reguladoras é outro fator importante para garantir a eficácia das ações de proteção territorial e desarticulação da logística do garimpo ilegal. A Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) tem papel fundamental para a identificação e responsabilização das pessoas envolvidas na instalação e manutenção de redes de telefonia e internet que dão suporte aos garimpeiros, por meio de ações de fiscalização das relações de consumo, em particular da oferta e contratação de serviços, em linha com suas Diretrizes de Fiscalização de 2017. Recomenda-se assim aprimorar a regulamentação da oferta de serviços de instalação e manutenção de internet em Terras Indígenas e demais áreas protegidas, estabelecendo mecanismos para identificar e impedir impossibilitando sua operação clandestina de redes de comunicação para apoio à logística do garimpo ilegal e outras atividades ilícitas nestas áreas, ao mesmo tempo que reabilitando a disponibilidade de acesso das comunidades indígenas interessadas às bandas que atualmente estão sob controle dos garimpeiros. A atuação da ANATEL deve preceder as operações e ser efetiva o suficiente para garantir que as ações policiais mantenham o seu efeito surpresa.

A Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) deve contribuir com a fiscalização da operação irregular de aeronaves e pistas de pouso, impossibilitando sua operação clandestina para apoio à logística do garimpo ilegal.

Da mesma forma, no que diz respeito ao trabalho da Agência Nacional do Petróleo (ANP), como sugere a Informação Técnica nº 4/2021-NUFIS-MG/DITEC-MG/SUPES-MG do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), deve-se aprimorar o principal instrumento de controle de venda do combustível de aviação, o Mapa de Movimentação de Combustíveis de Aviação (MMCA). De acordo com o documento do Ibama, a informatização e a publicização do MMCA seria um importante passo para ter um melhor controle da monitoramento da cadeia de custódia do combustível, com sistema de saldo virtual de litros de combustível de aviação que reflita o estoque real em toda a cadeia produtiva<sup>69</sup>.

A nível regulatório, importa avançar no aprimoramento das normas legais e infralegais que regulamentam a cadeia do ouro no nível nacional. A atual legislação não garante transparência suficiente para a cadeia e, de certa forma, dá margem para operações fraudulentas e práticas de lavagem de dinheiro entre outros crimes. Como sugere, um estudo recente publicado pelo Instituto Escolhas<sup>70</sup>, entre as ações que contribuiriam para controlar a ilegalidade na cadeia do ouro pode-se citar : i) a implantação de um sistema de rastreabilidade de origem e conformidade ambiental e social da produção e do comércio de ouro; ii) a extinção do regime de Permissão de Lavra Garimpeira; e iii) a revogação da Lei 12.844/2013, que trata, dentre outras questões, do transporte e da comercialização de ouro dos garimpos, e que facilita a “lavagem de ouro”.

<sup>69</sup> <https://oeco.org.br/analises/monitoramento-do-comercio-de-combustivel-de-aviacao-ajuda-no-combate-ao-crime-ambiental/>

<sup>70</sup> <https://www.escolhas.org/wp-content/uploads/Ouro-200-toneladas.pdf>



Finalmente, deve-se também salientar a importância de projetos que ofereçam uma alternativa de renda para as comunidades indígenas vizinhas às áreas de garimpo. Tais iniciativas são relevantes sobretudo para neutralizar o assédio dos garimpeiros aos jovens Yanomami, que com frequência são seduzidos pelas promessas de bens e dinheiro que o trabalho no garimpo oferece. Hoje é marginal o envolvimento de alguns Yanomami no garimpo, que realizam pequenos serviços como transporte de combustível e mantimentos para os acampamentos, mas, na ausência de opções, o aliciamento é sempre mais perigoso.

Nessa linha vale destacar os projetos que estão em curso na calha do rio Uraricoera, destinado ao manejo do cacau nativo e a comercialização de chocolates e o empreendimento de ecoturismo no Pico da Neblina. Muitos lugares severamente impactados pelo garimpo, porém, ainda não contam com iniciativas semelhantes, assim como tiveram suas escolas e postos de saúde abandonados. A retomada de uma agenda positiva nessas regiões é fundamental para garantir que as comunidades consigam se recuperar depois de anos de abusos, violência e destruição ambiental e sanitária.

## ANEXO 1

X	Y
-62,14048775	3,438913242
-61,53019185	2,05324039
-61,68661232	2,619029366
-61,89189618	2,126464614
-61,73126692	3,778620858
-61,52345148	2,81416939
-61,54485949	2,818246596
-61,60276129	2,793422869
-61,58873199	2,773645424
-61,59878283	2,765479114
-61,54705692	2,765000842
-61,55145135	2,883507085
-63,87220909	2,582077199

X	Y
-61,58437535	2,829865307
-61,68890816	2,722256802
-61,55614148	2,786621521
-61,43332033	2,718055814
-61,41048119	2,727829916
-61,42492843	2,723420052
-61,53948969	2,836904674
-61,31002488	3,063784751
-61,31523784	3,068268431
-61,11879156	2,992045876
-61,28604328	3,01555312
-61,29714275	3,001372808
-61,46960617	2,828675931

X	Y
-61,6806073	2,620564427
-61,82521553	2,090756209
-61,75740413	2,225802577
-61,82791798	2,099519199
-61,69494897	2,37762736
-61,74482858	2,317380615
-61,57580985	2,87161208
-61,49615377	2,854066307
-61,4892945	2,69976584
-61,51738433	2,690417314
-61,54901443	2,785351874
-61,43980418	2,985963058
-61,72004544	2,657357966
-61,64297818	2,618139793

Quadro 3:  
Localização  
das pistas do  
entorno que são  
suspeitas de dar  
apoio logístico  
ao garimpo  
na TIY.



## ANEXO 2

X	Y	REGIÃO
-62,6572	2,092796	Alto Catrimani
-63,2495	2,348512	Alto Catrimani
-62,8262	2,437829	Alto Catrimani
-62,9514	2,437819	Alto Catrimani
-63,3159	2,356142	Alto Catrimani
-63,3504	2,218384	Alto Catrimani
-63,3419	2,282657	Alto Catrimani
-62,8775	2,317859	Alto catrimani
-63,2776	2,26273	Alto Catrimani
-62,374	2,361071	Apiáú
-62,0672	4,140318	Ericó
-63,3527	2,687331	Hakoma
-63,4689	2,712736	Hakoma

X	Y	REGIÃO
-63,7687	2,535665	Homoxi
-63,6516	2,516967	Homoxi
-63,7544	2,529549	Homoxi
-63,5291	2,577302	Homoxi
-63,0278	2,61823	Kayanaú
-63,0409	2,631895	Kayanaú
-63,0721	2,648133	Kayanaú
-62,9892	2,584638	Kayanaú
-63,0064	2,569457	Kayanaú
-62,9646	2,605066	Kayanaú
-63,2481	2,602505	Papiu
-63,7076	3,116705	Parima
-63,7195	3,279213	Parima

Quadro 4:  
Localização  
das pistas do  
entorno que são  
suspeitas de dar  
apoio logístico  
ao garimpo  
na TIY.

X	Y	REGIÃO
-63,7796	3,159669	Parima
-63,651	3,289519	Parima
-63,1627	2,917705	Surucucus
-63,3036	3,025703	Surucucus
-63,2065	2,969379	Surucucus
-63,4614	3,660605	Waikás
-63,6548	3,724685	Waikás
-63,7272	3,631635	Waikás
-63,4515	3,653814	Waikás
-63,8458	2,550365	Xitei
-63,7877	2,565714	Xitei
-63,8224	2,583014	Xitei

Continuação do  
Quadro 4.



## ANEXO 3

X	Y	REGIÃO
-62,6689	2,709086	Alto Mucajaí
-63,7272	2,500983	Homoxi
-62,9087	2,759667	Kayanau
-63,8494	3,283342	Parafuri
-63,1695	3,552101	Waikás
-62,8951	2,49687	Alto Catrimani

Quadro 5:  
Localização  
das pistas  
comunitárias  
que estão sob  
o controle do  
garimpo ou que  
são utilizadas  
eventualmente  
por garimpeiros.



